

75 ANOS

«ACÇÃO MÉDICA», ANO DE ANIVERSÁRIO

– 75 ANOS DE PUBLICAÇÃO ININTERRUPTA –

SESSÃO SOLENE COMEMORATIVA

No dia 26 DE NOVEMBRO passado realizou-se na Universidade Católica, em Lisboa, uma sessão solene comemorativa do 75º aniversário do nascimento da revista «Acção Médica». A sessão teve início às 10.00 horas, com umas palavras iniciais de apresentação proferidas pelo Presidente, Prof. Doutor Rueff Tavares, seguindo-se três conferências que se transcrevem nas páginas seguintes.

Por se encontrar ausente, o Presidente da Conferência Episcopal foi representado por um dos seus auxiliares, D. Nuno Brás, que presidiu à Eucaristia que encerrou esta Sessão Solene Comemorativa.



ACÇÃO MÉDICA
ORGÃO E PROPRIEDADE
DA A.M.C.P.

ANO LXXV, Nº 4

DEZEMBRO 2011

Fundador

José de Paiva Boléo

Director

J. Paiva Boléo-Tomé
(paivaboleotome@gmail.com)

Administradora
Ana Sarmento

(antoniosarmento55@sapo.pt)

Sub-Director

Alexandre Laureano Santos
(a.laureano@netcabo.pt)

Redactores

Abel Sampaio Tavares
Laureano Santos

Luís Rosário
José Augusto Simões

Vitor M. Neto
José E. Pitta Grós Dias

Conselho Científico

Walter Osswald
Levi Guerra
Daniel Serrão

Henrique Vilaça Ramos
Jorge Biscaia
José Pinto Mendes

Lesseps L. dos Reys

Número de Identificação: 501983589

ISSN – 0870 - 0311 – INTERNATIONAL STANDARD SERIAL NUMBER

Depósito Legal n.º 28367/89 – Dep. D.G.C.S. n.º 106542

Administração: Rua de Santa Catarina, 521 – 4000-452 PORTO – Telef. 222073610

http://amcp.com.sapo.pt

Redacção: Rua de Santa Catarina, 521 – 4000-452 PORTO – Telef. 222073610

Execução Gráfica: T. Nunes, Lda - Rua Novo Horizonte, 313 – Frejufe – 4475-839 MAIA

Tiragem: 1000 exemplares

**ASSOCIAÇÃO DOS MÉDICOS
CATÓLICOS PORTUGUESES**

Sede: Rua de Santa Catarina, 521 — 4000-452 Porto

DIRECÇÃO NACIONAL

Presidente: José Rueff Tavares

Vice-Presidente: João Paulo Malta

Secretário: Ana Félix

Tesoureiro: Ana Sarmento

Vogais: Margarida Neto

Aldina Brás

José Patena Forte

Rui Barreira

Assistente: Conégo Dr. José Manuel Santos Ferreira

Secretária: Maria de Fátima Costa (mfmléal@gmail.com)

NÚCLEOS DIOCESANOS (PRESIDENTES)

Aveiro: Jorge Rodrigues Pereira

Braga: Maria Emília Duarte Oliveira

Coimbra: Augusto Pinto

Faro: Santos Matos

Guarda: Víctor Santos

Lisboa: Sofia Reimão

Porto: Manuel Pestana Vasconcelos

Viana do Castelo: Avelino Gomes Amorim

Viseu: João Morgado

SUMÁRIO

75 ANOS – ANO DE ANIVERSÁRIO	
CARTA DO PRESIDENTE DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL	3
«Acção Médica» - 75 anos <i>J. BOLÉO-TOMÉ</i>	5
«Acção Médica», espelho e estandarte da Associação dos Médicos Católicos Portugueses <i>Walter OSSWALD</i>	21
«Acção Médica», algumas reflexões sobre as circunstâncias do futuro <i>A. LAUREANO SANTOS</i>	27
TEMAS ACTUAIS	
■ Civilização ateia? <i>Aires GAMEIRO (O.H.)</i>	41
■ Humanismo e laicismo <i>ORNAGHI / KRISTEVA</i>	43
■ A ideologia do género <i>Isilda PEGADO</i>	46
■ Filhos sem Pai <i>Pedro VAZ PATTO</i>	50
■ Tens um doador, não um Pai <i>Giulia GALEOTTI</i>	53
■ Barrigas de aluguer <i>Pedro VAZ PATTO</i>	59
VARIA	
■ Um livro, uma Vida: Daniel Serrão – Henrique VILAÇA RAMOS	65
NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS	
■ Ligar os pontos: a lição de Steve Jobs J. Tolentino de MENDONÇA	77
■ «Todos os Santos» ou Hallowe'en?	78
■ Embrião Humano	81
■ Cuidados Paliativos	83
■ Um conselho surpreendente	84
RESUMOS	91

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Pagamento adiantado

Associados da A.M.C.P.: desde que a quotização esteja regularizada recebem a revista sem mais qualquer encargo. Por ano 37.50 €

Não Associados:

Portugal

Um ano (4 números) 20,00 €

Avulso 5,00 €

Estrangeiro

Acrescem as despesas de envio

Estudantes 10,00 €



Senhor Director,

Por altura da celebração dos 75 anos da Revista "Acção Médica", é-me grato dirigir a V. Ex.cia e a todos os colaboradores uma saudação amiga que inclui o apreço pelo trabalho feito e o agradecimento por este contributo à missão da Igreja de iluminar com a luz da fé toda a realidade humana.

A Revista "Acção Médica" é indeligiável da Associação dos Médicos Católicos cuja missão é exactamente essa: ver o vasto e complexo universo da acção médica à luz dos valores cristãos, de serviço da pessoa humana, de encontrar na sua dignidade o fundamento da exigência ética e de conciliar com essa exigência o progresso da ciência. Esta não pode ditar isoladamente os seus próprios critérios éticos, mas deve acolhê-los da dignidade de pessoa ao serviço da qual se coloca. E a grandeza do homem só em Cristo se capta e se percebe, como afirma o Concílio Vaticano II.

Que o Espírito de Deus vos inspire e fortaleça neste combate, nunca terminado, do serviço da pessoa humana, na competência científica, no espírito de serviço e na humildade de reconhecer que a promoção do "bem comum" no campo da saúde, precisa do engenho humano e da luz do Alto.

Ao saudar-vos invoco sobre todos vós a bênção de Deus.

Lisboa, 13 de Dezembro de 2011

† JOSÉ, Cardeal-Patriarca

«ACÇÃO MÉDICA», 75 ANOS

J. BOLÉO-TOMÉ*

UMA HISTÓRIA DE AUDÁCIA

Foi ainda na Rua do Forno de Tijolo, primeira morada em Lisboa do Dr. Paiva Boléo, que se desenvolveu a ideia da necessidade de lançar uma revista onde pudessem reunir-se estudos, então dispersos, sobre assuntos de natureza médico-moral e médico-social. Seria, igualmente, um traço de união entre os membros de uma Associação que precisava de crescer e sentir mais a responsabilidade moral da sua presença na sociedade.

Reunido o grupo “técnico” (Paiva Boléo, Luís Figueira e Anacleto Bernardino de Miranda), este entrou em contacto com vários colegas já conhecedores do projecto e foi pedida colaboração, que prontamente foi oferecida. Assim, com 72 páginas e com data de Junho, apareceu o no 1 do 1o ano da revista que agora completou 75 anos de vida, e onde aparecem artigos de Costa Sacadura, Cruz Neves, Paiva Boléo, Benjamim Calado e Regnier.

Os objectivos de então, bem definidos por Paiva Boléo na introdução, não assinada, são os objectivos de hoje: o espírito científico - pragmático, analítico, crítico - em nada se apresenta como contraditório duma espiritualidade de que o ser humano tem necessidade, como luz que ajuda a construir o caminho da vida, com um ideal imutável como referência.

* Director de «Acção Médica»; Professor Cat. Jubilado (U. L.).

Revista de doutrina e crítica, assim quis ser e assim tem sido ao longo dos anos que passam. Por vezes **foi incómoda**, para os poderes constituídos ou para personalidades ilustres – a sua preocupação pela verdade, para além dos factos aparentes ou de modas ideológicas, trouxe-lhe algumas manifestações de desagrado, mas também a consolidou como uma voz firme, sólida e aberta à discussão da verdade, sem pôr em causa os princípios orientadores fundamentais.

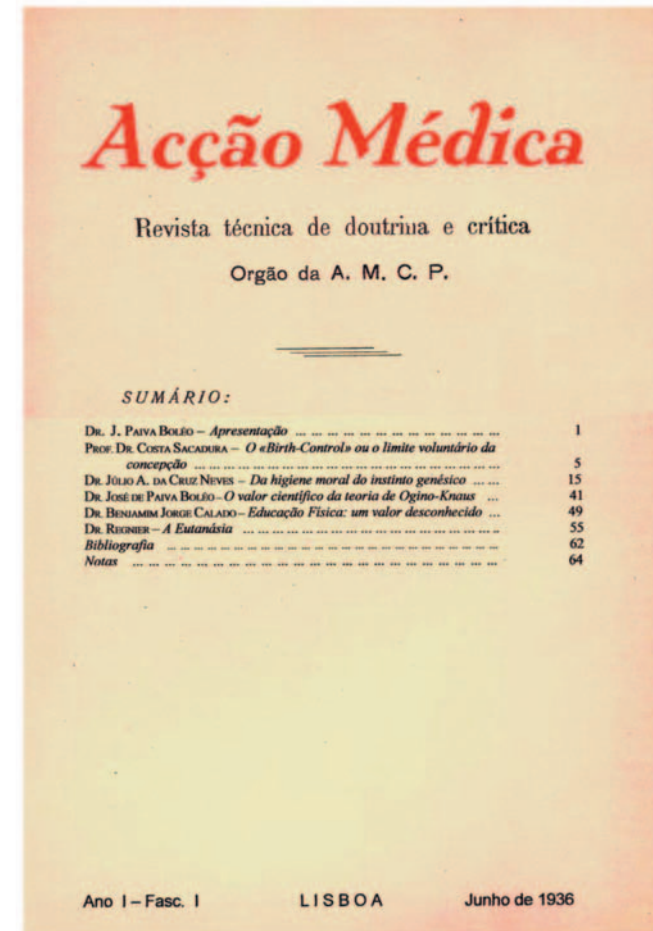


FIGURA 1

Foi pioneira, discutindo e levantando questões, relacionadas principalmente com tudo o que envolve a relação médico-doente, que só mais tarde se tornaram actuais. Pode-se dizer que nenhum tema da ética médica ou de natureza médico-social esteve ausente das suas páginas, abertas sempre no mesmo clima de respeito e de valorização humana.

Este foi o caminho apontado e seguido, este é o caminho que temos tentado seguir, desde que nos caiu em cima o peso desta responsabilidade.

Para além do seus conteúdos, ideológicos, sociais, culturais e mesmo científicos, o que tem sido a revista «Acção Médica» ao longo deste tempo tão recheado de História, nossa e da humanidade?

As suas capas são igualmente significativas, evoluindo prudentemente de acordo com tendências sócio-artísticas e com a necessidade de ultrapassar preconceitos dominantes numa sociedade que tende a estagnar numa massificação sem valores de referência.

Simple, discreta, quase “franciscana”, a sua capa inicial (FIG.1) apresenta, no entanto, uma marca que iria ser o símbolo da revista – coragem. Sem receio do que possa ser dito numa sociedade profundamente influenciada pelo materialismo, o conteúdo é exposto, em destaque, para que não existam dúvidas sobre o seu pensamento e os princípios que a orientam. Foi uma afirmação de um caminho, escolhido conscientemente.

A revista cresceu e impôs-se como voz a ter em conta. Era lida e discutida; a afirmação no meio social médico era indiscutível. Não admira que fosse pensada uma apresentação diferente. Por isso, o volume que fez entrar a revista no seu X ano de publicação apresentou-se com novidades dignas de registo. A primeira diz respeito à capa (Fig. 2): o médico e artista João Carlos Celestino Gomes concebeu, desenhou e gravou em madeira (xilogravura) um precioso trabalho artístico que constituiu a nova capa da revista: no centro, ao alto, vemos Nossa Senhora e o Menino, a “Mãe dos Afritos”; em nichos laterais vemos os patronos da Medicina e

Farmácia – S. Lucas à esquerda do observador e os santos Cosme e Damião (o médico e o farmacêutico) no nicho da direita; numa reserva central, por baixo da figura de Nossa Senhora, foi criado um espaço para o nome da revista, bem destacado, e para o sumário. Os socos ou bases dos nichos simulam as bases de suporte ou plintos coríntios mas quadrangulares (FIG. 2).



FIGURA. 2



FIGURA 3

A segunda novidade foi, para a época, de um valor excepcional. Por iniciativa do Dr. Rosado Pinto, ilustre cirurgião-pediatra do Hospital de D. Estefânia, começaram a ser publicadas as «Sínteses Médicas Trimestrais», onde eram resumidos os principais artigos ou estudos publicados nas revistas de referência do mundo médico.

Calculamos a dificuldade que seria nessa altura (1945) um médico conseguir acompanhar os avanços que iam acontecendo em Medicina. Esta secção, a que se dedicou o Dr. Rosado Pinto, graças aos meios de que podia dispôr (revistas e contactos internacionais) foi muito procurada por jovens médicos que tinham a preocupação de estar actualizados e manteve-se enquanto se julgou útil. Recordemos que a *Internet*, que tornou possível o acesso à informação armazenada em *Bancos de dados*, só se tornou realmente acessível ao público em geral a partir de 1992, embora os computadores já existissem desde a II Guerra Mundial, nessa altura ainda baseados nos antigos cartões perfurados da década de 20.

Esta apresentação gráfica, muito apreciada e discutida nos meios artísticos onde o nome *João Carlos* era bem conhecido, manteve-se durante cinco anos apenas. Em 1950 celebrou-se o centenário da morte de S. João de Deus, o fundador dos modernos conceitos de saúde mental. «Acção Médica» associou-se às comemorações promovidas pela Ordem Hospitaleira, publicando um número especial, de 542 páginas, onde foram reunidos valiosos trabalhos sobre a vida e obra deste português extraordinário.

A capa (Fig. 3), preparada especialmente para este volume, reuniu a arte de *Luís de Pina*, notável Professor da Faculdade de Medicina do Porto, e novamente do médico artista *João Carlos*. No centro podemos apreciar uma interpretação em barro de João de Deus, da autoria de Luís de Pina, que é enquadrada por um precioso trabalho de João Carlos Celestino Gomes, onde duas figuras de anjos cantam, com harpa e bandolim, as glórias do santo Hospitaleiro.

A época do pós-guerra foi uma época de discussão e crítica, em que todos os valores anteriores à guerra (e não apenas os que lhe deram origem), foram postos em causa – ideias, valores, comportamentos, apresentação social, e igualmente a arte, foram discutidas, abandonadas ou profundamente modificadas. A apresentação da revista passou a ser olhada como de um classicismo,

quase diríamos renascentista, agora fora de moda. O artista médico João Carlos percebeu o que estava a passar-se na sociedade. Por isso propôs uma nova capa, mais simples, de traço modernista, que faz lembrar um pouco os esboços de Almada Negreiros. A composição é semelhante à anterior, mas no trono, ocupando o mesmo espaço da Virgem e do Menino na capa anterior, encontra-se o médico e evangelista S. Lucas; nos nichos, mais simples, estão os santos Cosme, à esquerda do observador, e Damião, à direita. A parte inferior do centro continua a ser uma reserva destinada ao sumário.

Esta capa iria manter-se durante 20 anos, até ao fim de 1970.

Entretanto, em 1958, ocorreu o centenário do nascimento da Rainha D. Leonor, figura que pode ser considerada como a autora da mais notável reforma da assistência da história da medicina, reforma que atravessou os séculos, deixando marcas indeléveis um pouco por todo o mundo que os portugueses deram a conhecer. «Acção Médica» não podia ficar indiferente a uma data memorável. Por isso, preparou um número especial sobre a Rainha, as Misericórdias e os hospitais a elas ligados (448 páginas).

Novamente o médico artista João Carlos marcou a sua presença, com uma capa de valor excepcional (Fig. 4). Foi um dos últimos trabalhos deste extraordinário artista, que iria falecer em Novembro de 1960, com 61 anos.

No ano seguinte, 1961, a revista completou 25 anos de publicação. Estas *Bodas de Prata* foram comemoradas com a realização de umas **Jornadas Internacionais da Imprensa Médica Católica** (Lisboa, 30 de Junho a 2 de Julho), com a colaboração de numerosos países. Foi organizador um dos mais activos colaboradores da revista, de cuja direcção fez parte durante muitos anos, o Dr. Vítor Manuel Santana Carlos.

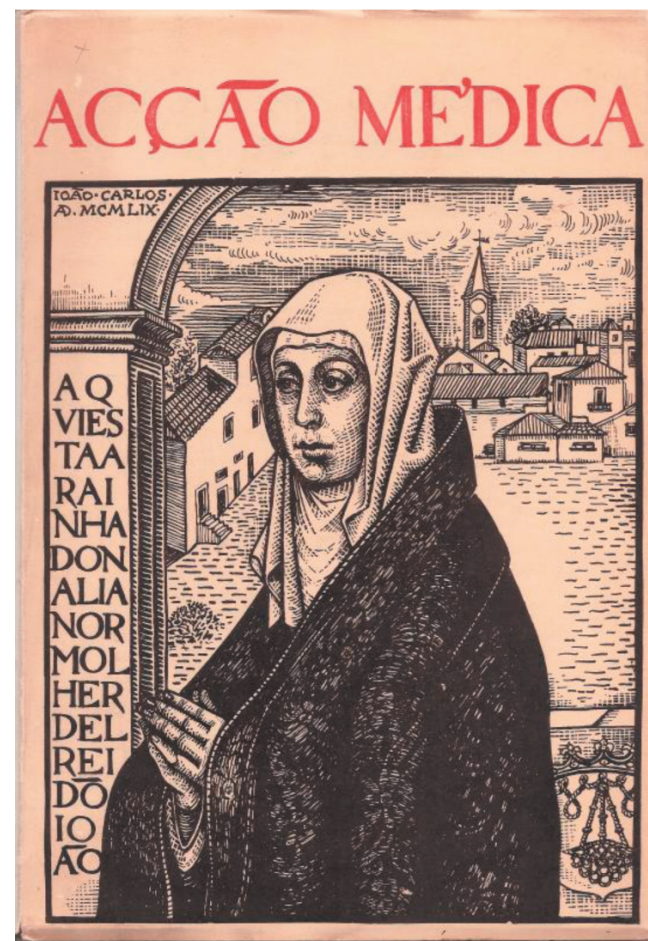


FIGURA. 4

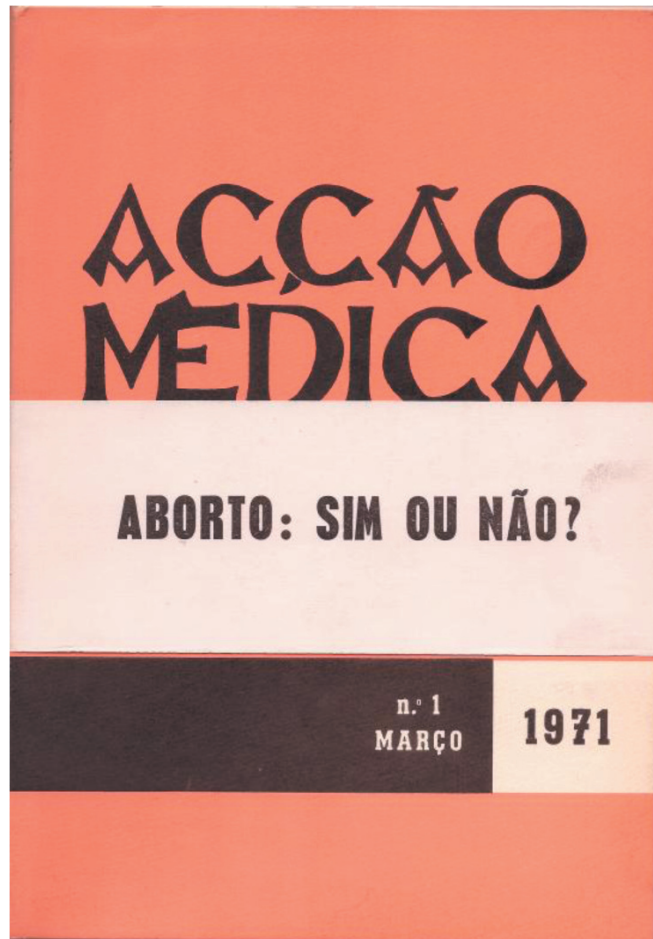


FIGURA. 5

Os chamados “ventos da história”, que não são mais do que os ventos soprados por homens, incapazes de se darem as mãos como irmãos, mantiveram o mundo em convulsões, um pouco por todo o lado. A paz tão desejada, a verdadeira Paz, que tem de se basear na justiça e na fraternidade, essa não chegou aos povos, apesar da terrível hecatombe da II Grande Guerra. Aqui ou ali, lá longe ou mais perto, continuaram a morrer seres humanos, vítimas do ódio, da incompreensão ou da ambição política ou económica.

Pode-se dizer que 1970 terá sido um ano de viragem, entre nós ou lá fora, em que vários dogmas políticos iriam soçobrar, depois de anos de sofrimento e também de esperança. «Acção Médica», como revista de doutrina e crítica, foi sujeita à pressão de um grupo que gostaria de a transformar em estandarte revolucionário. O Director lembrou-lhes o compromisso inicial, insistindo claramente que esse era o caminho do qual nunca se iria desviar. Aceitou apenas que fosse substituída a capa, esperando propostas, e pedindo-me, em particular, que apresentasse alguns desenhos. De um conjunto de desenhos, alguns completamente disparatados, foi escolhida uma das minhas 3 propostas (Fig. 5), exactamente a que me agradava menos. Foi a capa a que poderemos chamar “da revolução”, que iria sobreviver até à véspera do cinquentenário da revista, em 1986, mas onde, pela primeira vez, passou a destacar-se o novo emblema da AMCP.

Foi um período bem difícil, com alguns factos, destacados mais adiante, que puseram em risco a revista e os seus assinantes e colaboradores.

Os 50 anos foram celebrados modestamente, limitando-se a um número especial, já com uma nova capa de grafismo de qualidade (Fig. 6). Da autoria de um amigo “*designer*”, a capa agradou, mantendo-se até ao ano 2000, Ano Jubilar.

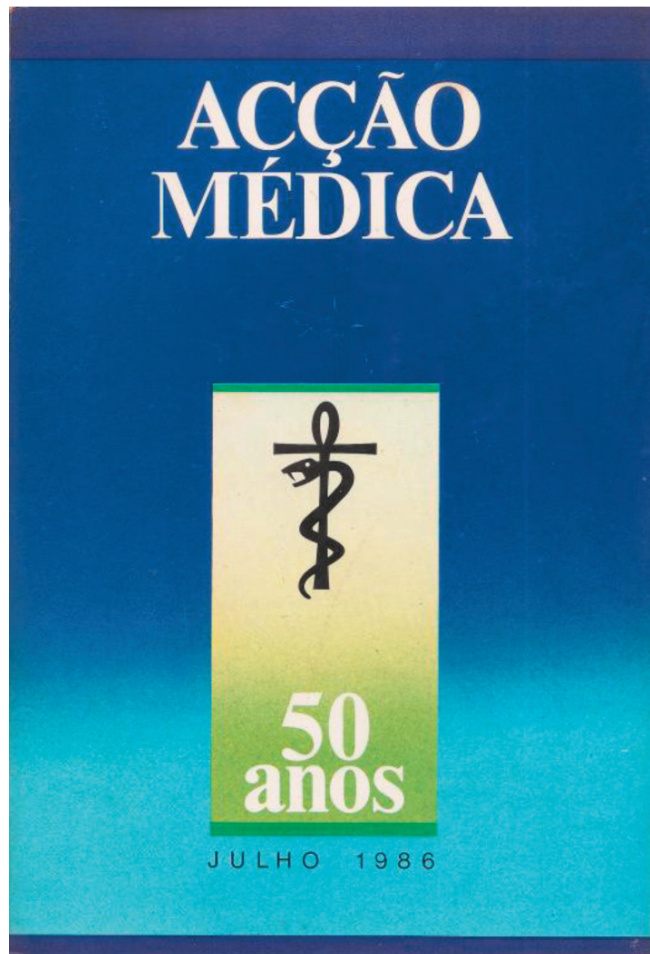


FIGURA. 6

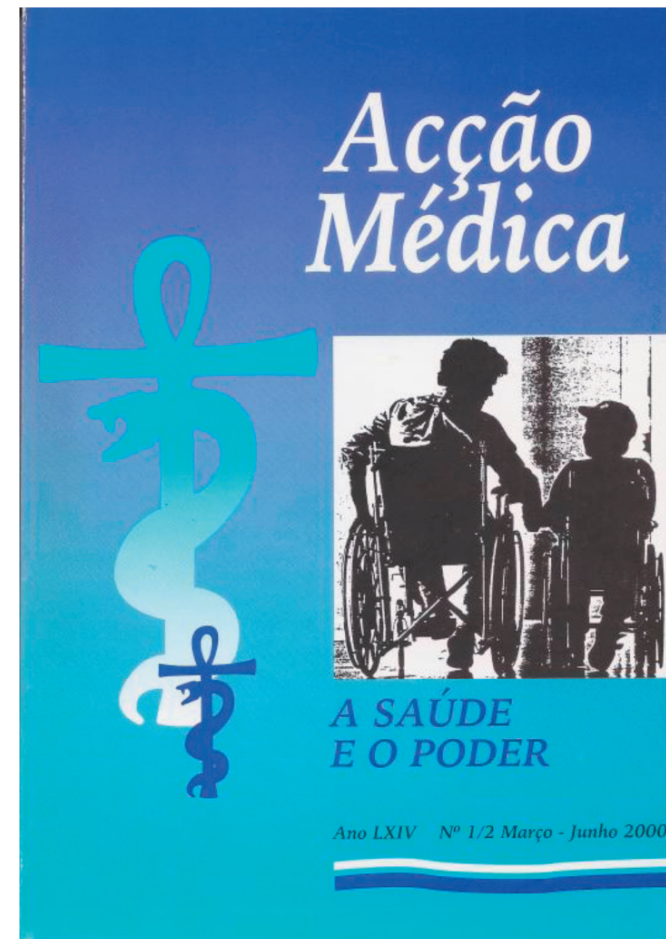


FIGURA. 7

O exemplar do cinquentenário, com data de Julho de 1986, inclui uma *Mensagem* muito especial do Senhor Cardeal Patriarca, D. António Ribeiro, de que vale a pena destacar que a revista «...*não se tem limitado a sobreviver. As suas páginas são um testemunho claro de um serviço meritório, prestado com assinalável dedicação aos médicos portugueses. Quem as folhear aperceber-se-á facilmente de que nenhuma grande questão ética da Medicina, nos últimos cinquenta anos, delas esteve ausente (...)*». A sua continuidade é uma exigência; «...*reclama-o a própria dignidade da ciência e da profissão médica.*».

Esta “exigência” tem permanecido bem clara no nosso espírito.

Finalmente o Ano Jubilar. O mesmo artista e amigo propôs uma mudança que foi aceite. A nova capa (Fig. 7), em que o emblema foi colocado em grande destaque, foi utilizada no número especial dedicado ao congresso comemorativo do Jubileu, subordinado ao tema geral «*A Saúde e o Poder*» em que foram estudados e colocados em confronto os problemas da Saúde e o modo como os diferentes Poderes a dominam ou respeitam. Desde então, tem sido este o aspecto gráfico da capa, em que os temas fundamentais são apresentados como chamada inicial.

Esta foi e é a revista que hoje nos reúne aqui, para saudarmos os seus 75 anos de publicação ininterrupta.

Para além da revista, mas com origem nela ou sob a sua responsabilidade, total ou parcial, ao longo do tempo têm sido publicadas algumas edições de temas sempre actuais. Recordo aqui, entre muitas outras, *Sociedade Moderna e População*, de vários autores, com duas edições de 2000 exemplares, praticamente esgotadas (Lisboa, 1973); *A Origem do Homem*, último trabalho escrito do Dr. Paiva Boléo, também com duas edições (Lisboa, 1976 e 1977); *Planear a Família*, de vários autores (Porto, 1983); *Pedro Hispano Portugalense*, de vários autores (Lisboa, 2007), único estudo publicado em português sobre as diferentes facetas deste extraordinário cientista, que os portugueses desconhecem. Do grupo

de edições, não fazem parte as separatas, nem os volumes especiais comemorativos.

OS PILARES: CORAGEM E EXEMPLO

Não é possível falar da revista que transporta o nome «Acção Médica», sem olhar para todos os que a idealizaram, a criaram, a fizeram crescer e impor como uma voz que é necessário ouvir e respeitar. Foram muitos, de todos os lados, desde as pequenas vilas e cidades até às nobres cidades universitárias.



Dr. Paiva Boléo

FIGURA. 8

Dr. Bianchi

Existiram, porém, dois nomes que não podem deixar de ser citados de entre os demais: José de Paiva Boléo, o Fundador decidido e seguro, e Augusto Bianchi de Aguiar, o Administrador corajoso e eficaz. Serão apenas duas notas breves que todos os que têm trabalhado e continuam a fazer a revista, gostariam que tivessem o significado de uma muito modesta homenagem a dois Homens de excepção, pela decisão, pela força, pela coragem, pelo idealismo, pelo exemplo, pela persistência, pela dedicação, que foram bem marcadas, não apenas na revista, mas pela sua presença na história da Vida, que souberam construir com tanta dignidade.

Paiva Boléo, o Fundador e motor da revista: 1936 não foi apenas uma data; foi o início de um sonho tornado realidade, de um

pequeno grupo dinamizado por Paiva Boléo, não com o entusiasmo que se esfuma, mas com a decisão, a calma, o calor controlado, daquele que sabe o que quer e como o quer. Foi assim Paiva Boléo: de uma fidelidade a toda a prova, foi sempre o exemplo de capacidade de trabalho, de curiosidade científica, de energia e certeza, mesmo nos momentos muito difíceis.

1974 foi um ano nada fácil, que pôs à prova os verdadeiros e os falsos. Percebeu-se que havia quem desejasse destruir, não apenas a revista, mas também os seus apoios – sócios, assinantes, leitores. Muitos deles, da área de Lisboa, passaram a receber ameaças e sugestões diabólicas, reeditando Afonso Costa.

No início de Maio desse ano tinha-me acontecido um acidente que nunca consegui compreender: em AGT do Hospital, onde só cheguei no fim, tinha acabado de ser eleito, quase por unanimidade (3 votos contra em 578 presenças), delegado principal dos trabalhadores do Hospital, sem candidatura prévia. Esta situação que quis recusar, acabou por se revelar de uma enorme utilidade. A quase unanimidade da eleição numa unidade hospitalar importante, abriu-me com facilidade todas as portas “revolucionárias”. Foi fácil, por isso, saber o que se passava com a revista – a funcionária que nos dava apoio, trabalhava com o “camarada” da tipografia que fazia a expedição. Expus imediatamente a situação ao Director, que me pediu para acompanhar de perto todos os actos administrativos e de expedição com a ajuda de elementos de confiança da tipografia. Esta vigilância, porém, não foi suficiente; sugeri, por isso, no final de 1975, que todo o material passasse para o Porto, onde o ambiente era mais seguro. O Director de «Acção Médica» encontrava-se já muito doente e pediu-me que o substituísse.

Foi exactamente aqui que se revelou o segundo pilar da revista – Augusto Bianchi de Aguiar.

Bianchi de Aguiar, o Administrador de excepção e de coragem:
Nomeado Administrador da revista em 1974 pela direcção nacional

da AMCP, presidida por Walter Osswald, respondeu prontamente ao nosso contacto. Numa madrugada fria do início de 1976, seriam 3 horas da manhã, no alto do Parque Eduardo VII, todo o material possível (ficheiros e adressographs) foi transferido de um carro para o outro. O “despejo” tinha sido possível com a ajuda de voluntários no Campo de Santana e a conivência do gerente da tipografia. O carro do Dr. Bianchi seguiu imediatamente para o Porto. Iria começar um novo fôlego para a revista, com a dedicação e eficácia de Bianchi de Aguiar, que procurou igualmente tentar recuperar alguns dos sócios e assinantes de Lisboa, em que as fugas foram numerosas.

Este foi igualmente o início do conhecimento de um Homem exemplar, competente, discreto, íntegro, solidário, que deixou marcas em todos os lugares por onde passou, desde o exercício profissional aos cargos que lhe foram entregues, sem nunca pôr em causa o seu profundo sentido de família onde, com a sua Esposa Sra D. Maria Francisca, foi o traço de união inquebrável de uma grande família que souberam construir «com uma contagiante felicidade», na expressão de um dos seus filhos.

Ao Sr. Dr. Bianchi e à Sra D. Maria Francisca, dedicada secretária da revista, deve «Acção Médica», onde trabalharam com elevado espírito de missão, o agradecimento que é difícil exprimir por palavras.

Termino deixando-lhes umas palavras que várias vezes ouvi ao Director da revista: ***«Uma revista não morre por falta de assuntos e colaboração; morre quando falta a alma e reina a incompetência administrativa».***

Os que agora se esforçam por cumprir o legado que lhes foi entregue sabem que haverá sempre um grupo dedicado, corajoso e decidido, que continuará a manter bem viva a voz de uma verdade que não passa, porque é simplesmente A Verdade. Através de «Acção Médica» a doutrina e a crítica serão sempre os instrumentos da Verdade Imutável.

Lisboa, 27 de Novembro, 2011

«ACÇÃO MÉDICA»
ESPELHO E ESTANDARTE
DA ASSOCIAÇÃO DOS MÉDICOS
CATÓLICOS PORTUGUESES

Walter OSSWALD*

Ao intervir na sessão comemorativa dos 75 anos da revista Acção Médica, manifesto desde já a minha incapacidade para responder ao desafio que me foi feito, que era o de analisar o contributo da revista, durante este longo período de publicação ininterrupta, para o pensamento médico nacional, com especial incidência na construção de uma doutrina moral médica. A imensidade da tarefa, a impossibilidade de uma análise exaustiva dos textos significativos insertos nestas páginas, condenavam desde logo o projecto à falência. Optei, por isso, por me limitar a destacar alguns traços, que, me parecem mais marcantes, do que se poderia chamar a fisionomia da Acção Médica, sem tentar traçar-lhe o retrato.

Valho-me para tal de três planos de leitura: o relatório - balanço que a nossa revista fez quando completou dez anos (em 1943, pois); as sínteses e comentários que eu próprio tenho tido a oportunidade de elaborar e que surgem, com bastante regularidade, na habitual secção “Acção Médica há 50 anos”; e, finalmente, os conteúdos das revistas publicadas nos últimos 50 anos.

* Professor aposentado da Faculdade de Medicina do Porto, Detentor da Cátedra UNESCO de Bioética (Instituto de Bioética da Universidade Católica Portuguesa).

Este exercício revelou-se fecundo e sumamente interessante. Ao invés do que se poderia supor, foram poucos os artigos tão datados que convidam a passar à frente e a sorrir (algumas diatribes contra a moralidade dos beijos no cinema ou a reprovação da imodéstia dos fatos usados em provas desportivas...); mas mesmo esses provam que a revista era actual, isto é, não desdenhava os problemas do seu tempo e alinhava por um rigorismo moral, que era apoiado pela hierarquia. Os tempos mudam e nós com eles, como ensina o dito latino; ainda bem, se soubermos não perder o essencial.

Ora, o essencial, que ultrapassa largamente a problemática vivida na época (em cada época, deste arco de 75 anos), é tratado com seriedade e elevação e, frequentemente, com relevo literário nos inúmeros contributos dedicados a questões pertinentes da ética médica: eutanásia, aborto, regulação da natalidade, relação entre fé e ciência e os alegados conflitos que, demonstra-se, não podem existir entre estes dois caminhos para o conhecimento da verdade. Mas também problemas que emergem do prodigioso avanço da biotecnologia e da ciência médica que vão sendo analisados e sobre eles se vai tomando posição, de forma humana e compassiva, sem esquecer os ensinamentos do Magistério, mas, com frequência, antecipando-os. Assim, encontramos estudos sobre procriação medicamente assistida, transplantações, experimentação no Homem, testamento vital, biotecnologia... De notar que os respectivos autores não se limitam a servir de correia de transmissão de uma doutrinação oficial (aliás nem sempre existente), antes tentam encontrar caminhos iluminados pela claridade de Cristo e pela tradição hipocrática do *nil nocere*.

Deve notar-se que embora alguns dos autores sejam estrangeiros, nomeadamente espanhóis e italianos, a esmagadora maioria é de portugueses, médicos, obviamente, mas também sacerdotes, psicólogos, assistentes sociais, sociólogos; esta lista inclui um escol de universitários do maior prestígio, mas também médicos práticos,

nomes desconhecidos uns, aureolados outros. Nos médicos, destaque para três, igualmente sacerdotes: Girão Ferreira, Gregório Neves, J. M. Pereira de Almeida, que aparecem assim a fazer companhia aos mestres consagrados, como João Porto, Costa Sacadura, Joaquim Bastos, Braga da Cruz, Serras e Silva, Fernando Magano, Luís de Pina, Abel Tavares, Paiva Boléo...

O autor estrangeiro mais representado é Pio XII, que a partir de 1947 contribui decisivamente para a Deontologia Médica e de quem a nossa revista publicou cerca de 50 textos. Alguns representam iluminações fundamentais sobre difíceis problemas éticos, como p. ex. o recurso aos meios técnicos que o papa designou de ordinários e extraordinários (hoje dizemos apropriados e não-apropriados) em doentes terminais. Recordemos que Pio XII não condenou a abstenção do recurso a meios extraordinários nestes doentes, posição hoje universalmente aceite, mas que encontrou inicialmente muitas resistências, inclusive na hierarquia católica. Ou o ensinamento papal acerca do tratamento da dor e da sua liceidade, mesmo quando resultando em encurtamento da vida do doente. A sua mais genial contribuição é a que concerne ao respeito pela autonomia do doente, pelo que o assentimento ou consentimento do doente se torna indispensável, mesmo na prática clínica quotidiana. Também a ele se deve a concordância com a analgesia durante o parto (“o parto sem dor”, rejeitado por tantos fundamentalistas cristãos). De todos estes documentos se fez a Acção Médica veículo, comentando-os e explicando-os.

Parece razoável sublinhar algumas características da revista, constantemente verificadas ao longo do tempo. Assim:

Em primeiro lugar, a **independência**. Como dissemos, a Acção Médica foi sempre fiel, no plano das ideias, ao ensinamento do Magistério, mas de modo algum foi seu porta-voz e frequentemente acolheu opinião que, quantas vezes de forma premonitória, ia por

outros caminhos. Assim, p. ex., no apoio dado desde o início aos métodos naturais de regulação da natalidade (inicialmente rejeitados por alguns moralistas de serviço) e à aceitação da inseminação artificial homóloga (PMA homóloga) ou à definição da morte cerebral como critério de morte, permitindo transplantações de órgãos de cadáver. Independente também, é claro, do pensamento político dominante, quer antes, quer depois da revolução de 1974. Como exemplo, no ano de 1956, o Dr. Eugénio Rosa, médico escolar, critica a “pedagogia” usada na Mocidade Portuguesa, declarando que “a Mocidade Portuguesa não conhece a mocidade de Portugal”. E o Dr. Mendonça e Moura, nos seus notáveis artigos sobre o sistema de saúde português (ou melhor, a sua ausência), dissecam com manifesto à-vontade as incongruências do corporativismo português.

Depois, deve sublinhar-se o sentido de **oportunidade**. Não são apenas as grandes questões ético-profissionais que são objecto de atenção e tratamento, mas também os temas de momentosa importância para o aqui e agora da medicina e da sociedade nacionais. Os temas são tratados por quem sabe, de forma séria e abrangente. São por isso numerosos os trabalhos sobre a organização dos serviços de saúde, a medicina social, as propostas de reforma, particularmente as da criação de um serviço nacional de saúde, à imagem do National Health Service, emergente em Inglaterra no fim da II Guerra Mundial. A revista tomou posição, criticou o Relatório das Carreiras Médicas (infelizmente contaminado desde o início pelo vírus ideológico), analisou o SNS criado após o 25 de Abril a partir das Caixas e consulado marcelista, teve razão, sobretudo, quando previu uma medicina menos humanizada, mais burocratizada, pouco eficiente e, pior ainda, insustentável.

Em terceiro lugar, não hesitou em assumir, quase que a contragosto, estilo polémico, ao **denunciar o que considerava errado**. Assim, entrou em conflito com Egas Moniz, então prestigiadíssima figura nacional, e logo por duas vezes: por ocasião da conferência em que defendeu as doutrinas neo-maltusianas de Exeter e na difusão

da leucotomia pré-frontal, considerada na revista como medida excepcional, de duvidosa valia, deficientemente fundamentada. Esta **crítica**, aliás correcta e de que o futuro viria a confirmar a justeza, apareceu, para escândalo de muitos, nas vésperas da atribuição do Prémio Nobel ao neurologista português (1949). Polémica ainda a classificação da medicina socializada, estatizada e tecnocientífica como “indústria bastarda, feita de regateios, clientelismo e compromissos” nas duras palavras de Luís de Pina; ou ainda como “uma veterinária humana”, no dizer de Mendonça e Moura, citando Marcelo Caetano.

Polémica e independente foi a Acção Médica ao publicar na íntegra a homilia de Clemente, Conde de Galen, arcebispo de Münster, que do alto do púlpito verberou, nos mais duros e inequívocos termos, a campanha de eutanásia sistemática dos deficientes físicos, psíquicos e sociais levada a cabo pelo nazismo, uma espécie de ensaio geral para o holocausto. E isto aconteceu em 1942, altura em que o regime vigente observava uma aparente neutralidade, com simpatia clara pelas ditaduras do eixo. Neste ambiente, a revista foi o **único órgão de comunicação social** a publicar e comentar as palavras do corajoso arcebispo: “Maldição sobre o povo alemão, se Deus e a sua lei são assim ultrajados.”

No vasto elenco de temas tratados, surgem alguns menos esperados, tais como: desporto e religião, narcoanálise, o santo sudário, psicoanálise e psicoterapia, alimentação no espaço rural português, demografia, enfermagem, factor biopsicológico na educação, gaguez, diversão da criança, cantigas populares relacionadas com a saúde, Pedro Hispano, proibição do casamento das enfermeiras e das telefonistas (!), santos futebolistas, origem do universo, etc.

Hesito em citar nomes de autores: qualquer listagem seria incompleta ou, se total, excessiva e deslocada nesta revisão; permitir-me-ei apenas invocar aqui os nomes já desaparecidos mas não

esquecidos, como Pime das Neves, J. Pinto Machado, Pinto Correia, Cruz Neves, A. Vaz Serra, Ramos Lopes, José Garrett, Fernando Silva Correia - aos quais me liga saudade e amizade.

Uma particular atenção foi sempre dada às grandes reuniões internacionais congregadoras dos médicos católicos, com relatos, resumos e transcrições. Do mesmo modo foi sempre assinalada a entrega do prémio João XXI, o único prémio da Ética Médica atribuído pela Federação Internacional das Associações Médicas Católicas (FIAMC), instituído e garantido pela nossa Associação. Sinal exterior do cuidado e da intervenção activa com que segue a evolução da Bioética, essa avassaladora e generosa utopia do séc. XXI, para a caracterizar com uma mescla das palavras de Luís Archer e Daniel Serrão, por sinal ambos autores de artigos arquivados na revista.

E quanto ao presente, que caminha já para o futuro? A revista aí está e responde por si; e enquanto ela está, vive a Associação, que define sem ela, como há tantos anos reconheceu o seu grande fundador, José de Paiva Boléo. A Acção Médica não alterou o seu carácter nem perdeu a sua orientação; não lhe escassearão os temas, discutirá novidades, mas não enjeitará a luz a que analisa, trabalha e doutrina. Se tinha um escol de autores, tem agora uma impressionante falange de médicos, juristas, filósofos, sociólogos, geneticistas, teólogos, bioeticistas. Faço o sacrifício de não os nomear, já que neles conto com amigos próximos e admiráveis personalidades. Mas, como diria o D. Francisco Manuel de Melo, vós os vedes, vós os julgais: nos seus artigos, nas suas intervenções, nas suas lições.

Assim se continua a gloriosa e estimulante história desta antiga e nova publicação médica: exemplo, orgulho, mas também pesada responsabilidade para os que, tomando o seu leme, a conduzam a novas navegações.

«ACÇÃO MÉDICA»
ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE
AS CIRCUNSTÂNCIAS DO FUTURO

Alexandre LAUREANO SANTOS*

*... o tempo presente e o tempo passado estarão talvez presentes
no tempo futuro...*

T. S. Elliott

1. Cabe-me a mim, dentro deste privilégio que é o de colaborar na mais antiga publicação dedicada a temas de medicina que regularmente se publica no nosso país e a revista dos médicos católicos portugueses, a proposição de algumas vias de reflexão sobre os seus futuros caminhos. A revista é um órgão nuclear da nossa associação, constitui um elo de ligação entre os seus membros e tem sido o veículo próprio para as propostas dos médicos católicos na cultura, nos domínios da ciência, das metodologias clínicas e da sua aplicação, na organização e na prática do nosso sistema de saúde e um arauto das propostas da hierarquia da Igreja Católica no complexo mundo da prestação dos cuidados de saúde. Continuará, afirmámo-lo desde já, a manter os princípios de fidelidade à Hierarquia e à Doutrina da Igreja Católica e a divulgar a Mensagem da Salvação numa sociedade secularizada, sobretudo nos domínios a que particularmente se dedica. Terá uma presença empenhada e crítica na

Professor Aux. (F.M.L.), aposentado; Subdirector de «Acção Médica»

sociedade portuguesa, aberta como está a todo este largo movimento que na Europa e no mundo atenua as fronteiras, aproxima as culturas e, apesar de turbulento, tumultuoso e irregular, para nós e antes de mais irmana os homens numa aventura que os poderosíssimos meios de interligação e de comunicação quase instantâneos tornam cada vez mais comum.

As imagens do mundo parecem omnipresentes, o som e os textos que nos transmitem as palavras e as ideias, impõem-se aos homens de hoje como se existisse um palco e uma biblioteca permanentes e ubiqüitários. Estes admiráveis meios de comunicação entre os homens e as culturas parecem contribuir para nos aproximar da visão mística, teológica e filosófica de **Teilhard de Chardin** a respeito de todo o universo. Teilhard antevia a possibilidade de uma interpretação cristã da evolução da Criação desde o caos primordial até ao despertar e à expansão da consciência humana por uma rede inteligente que permitiria a evolução até um grau de sabedoria que progressivamente aproximaria o homem de Deus. Esta evolução seria para Teilhard a Noogénese, a progressiva integração de todo o pensamento humano disponível para os homens e para mulheres de todas as culturas, numa rede inteligente e de conhecimento: a Noosfera. Como ponto fulcral de todo esse processo existiria uma força que agiria a partir de dentro da matéria, que orientaria a evolução em direcção a um ponto de convergência: o ponto Omega. Teilhard sustentava a ideia de que Deus e o Universo mantêm uma criativa e dinâmica relação inter-activa e progressiva em direcção à plenitude dos seres, isto é, a Deus. Deus é transcendente a todas as coisas e para Ele tudo converge.

Para nós Deus já está presente desde sempre no Universo, na Fé da sua Igreja e em Cristo tornou-se um de nós. Está connosco e estará sempre quando nos reunimos em seu nome como estive no cenáculo há dois mil anos. Assim tem sido na nossa associação e assim procuraremos ser.

Mas, eis que, ao lado desta visão cosmológica do universo que aparentemente aproxima os homens e as mulheres de todo o mundo através de um domínio da natureza, de uma cultura, de uma vontade comuns e da utilização racional dos meios de que dispõe, nestes microcosmos das sociedades contemporâneas só aparentemente em vias da estabilização surgem muitos sinais preocupantes. Os homens construíram novamente forças antagónicas que os separam agora de um modo mais subtil. As sociedades modificaram-se rapidamente e as cidades reorganizaram-se noutros moldes segundo regras ditas por uma outra organização do trabalho humano, prevalecendo as leis de uma economia permissiva e sujeita a pressões incontrolláveis, verdadeiramente desadaptada às necessidades humanas. As estruturas familiares desagregam-se e nem sempre têm possibilidade de desempenhar o seu papel na educação dos filhos e na renovação das gerações. O decréscimo da natalidade já não permite a reposição das comunidades. Manifestam-se graves doenças que deterioram as relações humanas, sublinham as desigualdades e aumentam as marginalidades. A vida humana alonga-se no tempo mas os velhos ficam separados das correntes de afecto que os envolviam em muitas sociedades tradicionais.

Existem, pois, em todas as sociedades contemporâneas muitos sinais de fragilidade que a crise contemporânea fez deflagrar. Talvez na Europa estejamos a construir as bases da nossa evolução histórica em terreno vulnerável, tal como o Evangelho de S. Mateus luminosamente nos refere a seguir ao Sermão da Montanha: *“...o homem insensato edificou a sua casa sobre a areia. Caiu a chuva torrencial, transbordaram os rios, sopraram os ventos e precipitaram-se contra aquela casa, ela desabou e a sua ruína foi completa (Mt 7, 26) .*

2. Mas a tarefa difícil será agora a de entrever o futuro da AM em tempo de privações que parecem não existir apenas no nosso país, mas na Europa e em todo o mundo contemporâneo. Privações

que se estendem a todos os sectores das sociedades - das finanças à economia, desta à política e à cultura, aos cuidados de saúde e à educação - todos os sectores são atingidos comprometendo a vida sobretudo dos mais vulneráveis e desprotegidos. Depois de um período que parecia prometer a abundância de bens e de oportunidades, de que percorreríamos as rampas de lançamento para admiráveis eras de entendimento, de paz e de progresso, eis que subitamente deparamos com a realidade crua dos nossos limites, que em boa verdade, nós todos e em tempo, não soubemos reconhecer. Estamos envolvidos pela crise cujos contornos exactos ainda não conseguimos completamente definir. Estas circunstâncias condicionarão o nosso futuro colectivo imediato e certamente imporão a mobilização de meios para apoiar os sectores mais pobres da sociedade portuguesa, tal como os nossos bispos propuseram em mensagem recente.

Permitam-me que brevemente recorde uma longa conversa que tive em 1983 com um dos precursores da Cardiologia Clínica actual, o **Professor Aldo Luisada** que publicou cinco famosos livros de texto e um tratado de Cardiologia. Tratava-se então de um encontro que reunia poucas dezenas de médicos da América e da Europa Central, Meridional e Oriental em Gratz, uma cidade do Sul da Áustria, num encontro dedicado particularmente ao estudo da função do ventrículo esquerdo e à reprodutibilidade dos seus métodos de avaliação, no qual eu, aprendiz de Cardiologia, estava particularmente interessado. Aldo Luisada, director do Serviço de Cardiologia do Mount Sinai Hospital de Chicago e professor universitário, tinha nascido em Itália (Ferrara) e emigrado para os Estados Unidos em 1939 antes do início da Segunda Grande Guerra. Ele, espectador atento da sociedade europeia de onde provinha, via em 1983 a evolução da Europa com muita preocupação. O Tratado de Roma ocorrera em 1957. Em 1973 juntaram-se aos países fundadores o Reino Unido, a Irlanda e a Dinamarca. Em 1981 ocorreu a adesão da Grécia (e apenas depois do encontro de

Gratz, em 1986, ocorreriam as adesões de Portugal e da Espanha). Parecia-lhe impossível uma integração de todo o espaço europeu numa economia comum, com tantos países com histórias, culturas e tradições tão completamente diferentes, com interesses económicos conflituais, com antagonismos de toda a ordem, com ressentimentos profundos, recentes e antigos, e com a presença inquietante de dois blocos políticos em contínua e surda guerra fria.

Apenas uma geração passou desde esse breve encontro com um espectador atento e crítico da evolução das sociedades na Europa. O Prof. Luisada já não pôde assistir a muitos acontecimentos que trouxeram uma expectativa de desanuviamento e de esperança a todo o mundo: apenas três anos mais tarde ocorreu a queda do muro de Berlim, depois o degelo das relações entre o Leste e o Oeste, a introdução de uma moeda única, a completa liberdade de circulação de pessoas e bens entre a maior parte dos estados europeus e a adesão de dez novos estados a uma certa ideia da Europa. A Europa de hoje é uma realidade completamente diferente e apesar de tudo mais coesa da que existia há um quarto de século.

As ameaças actuais resultam da falta de sustentação económica com o espectro do desemprego, da recessão e da insegurança. Mas as fragilidades das sociedades contemporâneas assentam em questões mais fundas que não se negociam em tratados. Vêm de onde nascem os egoísmos, as especulações financeiras e os jogos de poder. Como foi possível chegar a esta situação quase de um momento para o outro sem que vastos sectores da sociedade não tivessem dados os sinais de alerta? Como foi possível esconder que vivíamos numa economia fictícia, condicionada e tão facilmente vulnerável às especulações e às fraudes financeiras?

Uma primeira razão é certamente a de que o pensamento na cultura contemporânea é dominado pelo relativismo, tal como o Santo Padre desde há anos tem tantas vezes insistido em vários dos seus documentos doutrinários. O relativismo é uma ideologia que sustenta que nada existe com um carácter absoluto e imutável, e

que os critérios de decisão, mesmo os que envolvem os destinos de milhões de seres humanos, se podem subordinar às pessoas, às épocas, às culturas e aos interesses conjunturais. De outro modo: nada existe seguindo critérios universais que seja definitivamente verdadeiro ou definitivamente falso, ou definitivamente *o bem* ou definitivamente *o mal*. Estas ideias transformaram-se num modo de viver, numa prática que se encontra infiltrada em diferentes domínios e que assume muitos rostos nas sociedades do mundo de hoje, atravessando todas as fronteiras linguísticas e culturais que ainda permanecem.

O primeiro e principal domínio onde surge a questão do relativismo é na moral e na ética. O bem e o mal são realidades objectivas, absolutas, imutáveis ou subordinam-se às modificações induzidas pela história, pelos costumes ou meramente pelas circunstâncias? A verdade e a mentira são critérios de avaliação das relações humanas ou são anotações irrelevantes na comunicação entre os homens? A vida humana constitui um bem em si inviolável, objectivo, absoluto, que deve ser em todas as circunstâncias protegido ou a dignidade e a existência de certas vidas humanas é dependente das circunstâncias em que ocasional ou intencionalmente as colocam?

Os direitos e os deveres que estão na base da vida social têm um fundamento objectivo e racional ou o seu conteúdo vai-se esbatendo na hierarquia das interpretações subjectivas, pelo facto de se referir a certas características sociais, a certos grupos, a certos sectores? Os direitos e os deveres, sobretudo os que se relacionam com a dignidade humana, constituem um valor inalienável ou dependem da vontade dos legisladores e do sentido circunstancial dos votos das maiorias?

O relativismo coloca igualmente perante o mundo as questões radicais da ciência, do saber e do conhecimento. A razão humana tem capacidade de conhecer e interpretar a realidade objectiva ou o conhecimento do real subordina-se ao observador, às interpretações, às teorias, aos tempos, às doutrinas e às correntes do pensamento?

Ou ainda mais radicalmente: a verdade é relativa a uma certa ciência, a uma determinada metodologia, a um certo ritual, a um certo modo de ver ou de agir?

Uma segunda razão da fragilidade das sociedades do nosso tempo foi explicitada recentemente na viagem de Bento XVI à Alemanha. O Santo Padre fez um notável discurso no Parlamento Federal de Berlim no qual denunciou os limites de uma concepção positivista da natureza e da razão. Dirigindo-se directamente aos parlamentares e ao mundo do Direito, também a nós, médicos e tributários do conhecimento científico, dessa comunicação nos cabem referências fundamentais. Diz o Santo Padre cujas palavras quero interpretar muito proximamente: no núcleo fundamental do pensamento positivista, quer nos domínios do pensamento científico quer nos domínios do conhecimento das sociedades e do Direito, subsiste a ideia de que existe entre “o ser” (a natureza) e “a razão” (o conhecimento ou a representação mental da natureza) uma separação categorial intransponível. Da “natureza” não é possível extrair consequências para “um dever ser racional” porque se trata de duas categorias definitiva e absolutamente distintas e irreduzíveis. O fundamento de tal opinião é uma concepção positivista da natureza, adoptada hoje generalizadamente. Se se aceita a natureza apenas como um agregado de dados objectivos unidos uns aos outros por relações de causas e efeitos (se se aceita a natureza apenas por uma representação mental), então desta concepção não se pode, de facto, derivar qualquer indicação de carácter ético porque tudo se subordina à razão que é anterior à natureza. O que não é mensurável, verificável ou objectivável não entra no âmbito da razão e fica por demonstrar. Assim e segundo este enquadramento, todas as posições de interpretação da vida e do universo, a ética e a religião são atribuídas ao domínio do subjectivo caindo fora do âmbito da racionalidade demonstrável.

O Santo Padre adverte (e cito): “*O conceito positivista da natureza e da razão é uma parcela grandiosa do conhecimento humano à qual*

não se deve renunciar. Mas não constitui em si mesmo uma forma de cultura que corresponda ao ser humano em toda a sua amplitude. Onde a razão positivista se considera como o único conhecimento suficiente, renegando todas as outras entidades culturais para o estado de subculturas, o homem definha e permanece diminuído”...

Mas então como pode a natureza configurar-se ao homem na sua verdadeira identidade real e objectiva? Bento XVI responde referindo-se ao movimento ecológico como tendo constituído uma lufada de ar fresco na Alemanha. Sobretudo os jovens aperceberam-se de que as sociedades contemporâneas tinham uma relação distorcida com a natureza. Que a matéria não é apenas matéria-prima para ser livremente instrumentalizada segundo o interesses das sociedades evoluídas, posto que a natureza tem uma dignidade original que lhe é própria. A natureza e o homem existem e são da Ordem da Criação por Deus. Acrescentou o Santo Padre (e cito uma vez mais): “... *o homem possui uma natureza, que deve respeitar e não pode manipular com irracionalidade. O homem não é uma liberdade que se criou a si própria. Ele é espírito e vontade, mas é também natureza, e a sua vontade é justa quando respeita a natureza e a escuta; quando se aceita a si mesmo tal como é.*”

Peço uma vez mais desculpa por ter feito tão extensas citações das palavras do Santo Padre. Mas, na verdade, não me foi possível encontrar palavras simples que sintetizassem tão admiravelmente o cerne do pensamento da cosmologia positivista que dominou a cultura científica nos séculos XIX e XX.

3. Na análise das sociedades do nosso tempo e nas interrogações fundamentais que nos colocamos, não devemos esquecer que a inspiração cristã desempenhou um papel importante nos acontecimentos na Europa que precederam 1989 e que culminaram com a queda do muro de Berlim. De facto, as movimentações populares que ocorreram na Polónia e na Europa Central, com larguíssima integração de vastas populações onde a religião tinha um

papel agregador preponderante, tiveram uma importância enorme na evolução posterior desses países, na abertura dessas sociedades aos poderes democraticamente eleitos e à mobilização dessas sociedades para a contemporaneidade. No debate que actualmente decorre sobre o papel da religião nas sociedades actuais, a experiência dos países da Europa Central pode constituir um contraponto muito útil ao que ocorre na Europa Ocidental e Meridional.

Apesar das dificuldades presentes e de todos os grandes problemas financeiros, económicos, políticos e sociais com que nos debatemos, os grandes temas da vida humana estão presentes nas sociedades europeias. Recordo que há pouco mais de um ano houve uma iniciativa no quadro da Assembleia Parlamentar da Europa que conduziu à elaboração de um relatório da responsabilidade de uma deputada britânica sobre a liberdade de consciência dos médicos, de todos os trabalhadores e das próprias instituições de saúde. A aprovação desse texto conduziria a uma recomendação que sobrevalorizava o direito ao aborto ao direito à objecção de consciência dos profissionais de cuidados de saúde. Tivemos oportunidade de dar a devida divulgação dessa tentativa nas páginas da Acção Médica. Certamente se recordam que a proposta desencadeou uma vasta mobilização em vários países da Europa. A Assembleia rejeitou esses projectos e aprovou uma outra resolução, a Resolução 1763 (2010), a qual reafirma actualmente o direito à objecção de consciência com o mesmo estatuto com que tem sido acolhida na esmagadora maioria dos ordenamentos jurídicos europeus. A mobilização da sociedade nesta causa e as consequências desta atitude traduzem a importância da sensibilidade actual das sociedades europeias para estas questões.

Em 21 de Outubro último, na mesma sala do Parlamento Europeu onde havia sido discutido e votado o relatório sobre a restrição da liberdade de consciência dos agentes da saúde sobre a prática do aborto, a Federação Europeia das Associações dos Médicos Católicos (FEAMC) e o grupo Parlamentar do Partido

Popular Europeu organizaram um colóquio sobre a fragilidade humana nas sociedades europeias contemporâneas, onde estiveram presentes representantes portugueses. O tema foi tratado nos planos antropológico, social, filosófico económico e político perante um auditório numeroso e atento; posso garantir que teve uma repercussão inesperada, sobretudo pela profundidade com que o tema foi tratado e pela linguagem utilizada, tal como foi sublinhado pelo Nuncio Apostólico no Parlamento Europeu, reunido com os participantes da FEAMC na sede da COMECE (Comissão dos Episcopados da Comunidade Europeia), no dia subsequente. *“No âmbito da sua fragilidade o homem comporta-se como se estivesse fatigado da sua própria humanidade, vivendo como se estivesse isolado de si mesmo e das suas circunstâncias, como se vivesse numa outra dimensão, indiferente à presença dos outros homens e de si próprio, vivendo, porém, numa sociedade que só subsiste com o seu trabalho, com a sua presença e com o seu desempenho junto dos seus contemporâneos”* (Dr. Jean-Guilhem Xerri).

No dia 5 de Dezembro de 2011 realizou-se outra reunião no Parlamento Europeu dedicada ao tema “Ética pessoal e objecção de consciência em democracia. Tudo poderá ser aceite?”, organizada pelo Instituto Thomas More (www.institut-thomas-more.org), sob a presidência **Dra. Anna Zabroska** que presidiu à reunião com a FEAMC anteriormente mencionada. A Dra. Zabrovska é deputada pela República Eslovaca ao Parlamento Europeu e membro activo da Associação Eslovaca dos Médicos Católicos. Quero sublinhar que, como deixei dito, as organizações internacionais onde a nossa associação está filiada têm tido uma presença activa e actuante nas instituições onde têm sido ouvidas (Parlamento Europeu, Conselho da Europa e UNESCO), apesar de dominar nestas instituições, como todos reconhecem, uma cultura laicista e positivista da sociedade.

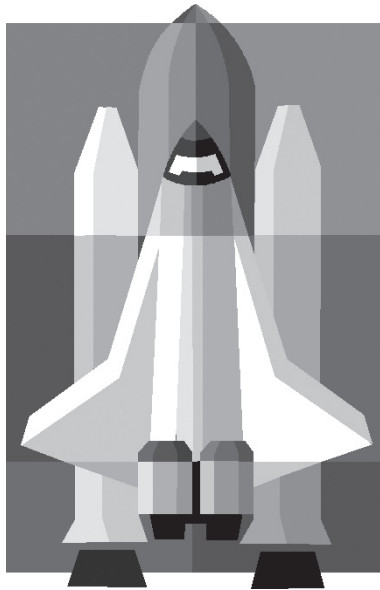
4. De facto, existem nas sociedades contemporâneas numerosos sinais de que os homens não desistiram de procurar um sentido para

a vida. Procuram nomeadamente no silêncio, quando lucidamente conseguem estar a sós com a sua própria realidade, quando procuram a verdade, o amor, a beleza, a unidade do ser. Para evitar encontrar um qualquer Godot, aquela quimera que as personagens da peça de Samuel Beckett esperam até à sua exaustão nos caminhos, nas cidades, na abundância, na riqueza, no poder do dinheiro, é decisivo olharmos para nós próprios e para os nossos irmãos e interrogarmos-nos: ... Quem somos? Onde vamos? Que fazemos da vida no tempo em que nos foi dado viver e conhecer? De que estamos à espera?

A Acção Médica irá reflectir nas suas páginas impressas no papel ou nas páginas do ciberespaço as preocupações, os debates, as notícias, as críticas, os comentários dos médicos católicos portugueses, abrindo as suas páginas aos temas e aos autores internacionais, sobretudo referidos ao nosso espaço europeu. Sublinharemos os temas da Bioética, sobretudo os temas relacionados com as idades extremas da vida humana. Daremos realce à voz do nossos Bispos e da Hierarquia Católica sobretudo nos vastos domínios que dizem respeito à prestação dos cuidados de saúde e às áreas da ciência que com eles se relacionem. Daremos, enfim, o espaço necessário a todos os que nas nossas páginas queiram contribuir com inteligência e com verdade para o debate acerca da vida e dos cuidados de saúde de Portugal e dos Portugueses.

Resumo

Os meios de comunicação actuais fazem-nos participar cada vez mais intensamente numa cultura comum tornando universais os grandes problemas das sociedades contemporâneas. O magistério do Santo Padre, utilizando uma linguagem contemporânea, tem apontado as atitudes prevaletentes na cultura actual que se reflectem nas grandes questões económicas e políticas que dominam as sociedades europeias. A Acção Médica manterá nas suas páginas os debates presentes na sociedade portuguesa sobre as questões que se relacionam com a saúde e com a ciência traduzindo as opiniões dos médicos católicos portugueses e a doutrina expressa pela hierarquia da Igreja Católica.



TEMAS ACTUAIS

CIVILIZAÇÃO ATEIA?

Por Aires GAMEIRO

Está a ser moda aparecer nos jornais e internete o tema da civilização ateia, como se, pela primeira vez, o mundo tivesse aceiteado viver numa civilização sem Deus. O tema é atribuído a Vaclav Havel, o poeta e homem de governo checo já falecido que, em 2000, disse em Praga: “a nossa é a primeira civilização ateia” da história, isto é, aquela que “perdeu a sua conexão com o infinito e a eternidade”. Ao perder esta conexão com o transcendente e a eternidade entregou-se a uma espécie de civilização suicida sem esperança e sem futuro.

Em primeiro lugar a minha reacção é de que não vivemos numa civilização sem Deus, mesmo que se possa pensar nas muitas manchas de ateísmo prático e militante.

Contudo, basta considerar alguns números aproximados de pessoas que, de uma maneira ou de outra, mantêm alguma fé em Deus, para não concordar. Pensemos nos 2,3 biliões de Cristãos (Católicos 1,2), no 1,5 bilião de Muçulmanos, nos 800 a 900 milhões de Hinduístas, e a cerca de 1,5 bilião de outros diversos grupos religiosos.

É certo que o mundo é oprimido por minorias, grupos, lóbis que lutam contra todos os tipos de religião. São máfias ateias, grupos de

interesses e negócios lucrativos sem ética, que pensam que são eles que controlam o mundo e se arrogam o comando da humanidade e da história. E pensam como se Deus e os grupos religiosos, os Católicos em primeiro lugar, já não tivessem lugar no mundo. Isto não é novo mas hoje é mais insidioso, melhor organizado e com mais meios incluindo até meios de multinacionais.

Procuram atingir os seus objectivos promovendo o aborto, a baixa de natalidade em países inteiros, defendem todas as práticas sexuais aberrantes, a violência e o tráfico de crianças, de adultos, armas e drogas. Pode-se dizer que não temem a Deus nem ao Diabo.

Tudo isto começou já há muito tempo. O projecto de construir uma civilização sem Deus e sem horizontes de transcendência e de eternidade, segundo o meu pensar e análise, explodiu com grande ruído e violência com a República Francesa em 1789 com a adoração da deusa razão e a venda de catedrais para pedreiras, e desde então não tem cessado de ser imposto e desenvolvido por todos os meios por esses grupos.

O Papa Bento XVI disse em Berlim que sem Deus não há futuro para a humanidade. Alguns grupos continuam, contudo, a tentar provar o contrário. Por agora o resultado está à vista: nós vivemos mergulhados numa crise colossal de valores e de uma monstruosa corrupção. Os Cristãos, contudo, sabem e acreditam que Deus não está ausente, está bem presente no mundo e naqueles que o aceitam. Nós vamos ser fiéis à celebração da sua presença, Jesus Cristo, a Palavra de Deus feita Carne. Afinal a Civilização está a ser restaurada continuamente por Ele e pelos que vivem unidos na sua vida quotidiana.

Aires Gameiro

HUMANISMO E LAICISMO

Enviado por: «Zenit»

Para um novo humanismo, para além do secularismo e do integrismo*

Um diálogo de alto nível intelectual aconteceu entre o novo ministro italiano da cultura, Lorenzo Ornaghi, e a escritora Julia Kristeva, no encontro “Sobre religião e laicidade na Europa”, promovido pelo Festival Bíblico no Salão da Cultura Europeia, em Veneza, neste sábado (26), por iniciativa do *Corriere della Sera e da Nordesteuropa.it*.

“Sem o humanismo não podemos enfrentar os desafios futuros”, afirmou Ornaghi, na sua primeira fala pública após a nomeação para o Ministério do Património Cultural.

“A presença da religião no âmbito público parece-me hoje essencial para reforçar as características constitutivas da vida social, a qualidade do sistema democrático, o seu funcionamento normal, em vez de ser entendida como uma ameaça ao espaço secular da coisa pública. É possível conceber a participação dos crentes no debate público e a manifestação pública da sua fé como articulações

* VENEZA, 28 de Novembro de 2011 (ZENIT.org)

diferentes de racionalidade, como expressões - para usar a fórmula de Habermas – de um ‘desacordo razoavelmente previsível’.

Segundo o ministro, “o papel público da religião numa sociedade” pós-secular “não consiste na substituição da cada vez menos eficaz transcendência política. Pelo contrário, ela tem um papel “corretivo”, um papel que se mostra ainda mais interessante quanto mais a fé e a razão estiverem num diálogo constante”.

Por sua vez, Julia Kristeva falou em “ousar o humanismo “ num novo diálogo entre a tradição secular e a religiosa: “O nosso encontro de hoje acontece depois de um evento de importância histórica considerável: o convite do papa Bento XVI a uma delegação de não-crentes, à qual eu pertencia, para o encontro ecuménico de Assis.

Muito mais do que a nossa presença, foi o discurso do Papa na conclusão do encontro o que eu acho que foi um evento importante”.

A escritora destacou a harmonia incomum entre crentes e não crentes que pode caracterizar a época atual “sem estigmatizar no humanismo secularizado um motivo de niilismo, ou uma ameaça para a civilização, como facilmente é feito por algumas correntes religiosas. Este papa filósofo convida os crentes a apreciar ‘o caminho para a verdade’ que é trilhado por essas ‘pessoas à procura’, que são os humanistas, em vez de considerar a verdade como uma ‘propriedade que lhes pertence’. Essa verdade como ‘luta interna’ e como ‘interrogação’, evocada por Bento XVI, é precisamente o que o humanismo cristão nos transmite, esse humanismo do Renascimento e do Iluminismo.

Um humanismo produzido na Europa, interrompendo o fio da tradição religiosa (nas palavras de Tocqueville e Arendt). Um humanismo cuja refundação devemos constantemente empreender: não esquecendo os abusos do obscurantismo, mas esclarecendo a complexidade e a profundidade do legado que nos precede”.

“Estamos conscientes de que não é possível uma economia sem uma robusta inventividade cultural e moral”, sublinhou, no discurso de abertura, Dom Roberto Tommasi, presidente do Festival Bíblico. “A experiência do nosso festival, na sua redescoberta da mensagem das Escrituras judaico-cristãs para a humanidade, é uma variação feliz no diálogo entre o humanismo cristão e secular”.

Roberto Righetto, editor de cultura do periódico *Avvenire*, destacou, por sua vez, que o diálogo Kristeva-Ornaghi é um passo no caminho para “delinear um novo humanismo para hoje. Os totalitarismos revelaram que o progresso humano não se desenvolve num caminho linear, mas diante desta situação não se deve ceder à paixão de anulação. Lembrem-se de Albert Camus, definido por alguns como ‘um santo sem Deus’, que incitou os fiéis a não ceder ao mal, às pragas antigas e novas, sempre à procura de um renovado ‘exercício de piedade’”.

O encontro entre o novo ministro e a pensadora francesa foi frutífero e útil na estratégia de “reestabelecimento do espírito europeu, duramente testado nesses tempos difíceis em que nos encontramos”, concluiu Zovic Filiberto, editor da *Nordesteuropa.it* e promotor do Salão da Cultura Europeia.

A IDEOLOGIA DO GÉNERO

por: **Isilda PEGADO**¹

1 – Confrontados com uma crise que parece não ter solução, importa verificar como vivemos e para onde caminhamos. Há como que uma anestesia em que somos embalados e a realidade perde a sua dimensão.

Esta ausência de realismo é hoje mais uma forma de privar o homem da liberdade. E tem um nome – **Ideologia do Género**.

2 – A ideologia do Género implica uma nova forma de conceber o ser humano e a sociedade. Defende que as diferenças entre homens e mulheres não dependem da natureza sexuada mas foram construídos culturalmente de forma artificial através da história e são a causa da discriminação que a mulher tem sofrido. Propõe-se libertar a mulher e através da eliminação da diferença de género.

3 – Parte de uma antropologia dualista que separa na pessoa a dimensão corporal da psicológica, argumentando que a pessoa é totalmente autónoma e pode construir-se como quiser, segundo o seu desejo. A vontade individual é uma força ilimitada.

É a última rebelião da criatura contra a sua condição como tal. Na verdade, o **homem do ateísmo** negou a Deus, que lhe podia dizer o que era o Bem e o que era o Mal. O homem do materialismo negou a sua natureza espiritual. Com a **ideologia do Género** o homem nega o seu corpo. **Isto é o Homem julga-se Deus.**

¹ Presidente da Federação Portuguesa pela Vida.

4 – Esta ideologia parece, à partida, fácil de rejeitar, mas ela tem uma forma muito subtil de entrar nas pessoas. Por um lado, usa uma forma de linguagem que é uma verdadeira **engenharia verbal**, onde a manipulação das palavras é o método. Usam-se palavras para significar coisas distintas do seu próprio significado (**IVG** em vez de aborto; **saúde reprodutiva** para falar de contraceção e aborto; **amor intergeracional** em vez de pedofilia ou **redução embrionária** para eliminar seres humanos na fase de embrião).

Esta engenharia verbal retira ao homem a sua capacidade de julgamento e de decisão livre. É o esvaziamento total das consciências.

Há duas maneiras de compelir as pessoas a agirem contra as próprias convicções e sobre as leis naturais. A primeira é o recurso à força. A segunda é a propaganda sistemática que utiliza a manipulação verbal como instrumento de acção por excelência.

Este tipo de propaganda procura incutir novas crenças nas suas vítimas. No momento em que estas novas atitudes são interiorizadas pelas pessoas, estas passam a acreditar que foi através da sua própria vontade que criaram esta nova forma de actuar, fazendo-a como sua.

A manipulação verbal corta a dignidade humana porque os indivíduos são objectos manobrados e dominados.

A verdadeira realidade é substituída por uma fictícia; a percepção é de facto dirigida a um objecto, mas agora trata-se de uma pseudo-realidade, de forma falsamente real, tornando-se quase impossível **discernir a verdade**. Ora, uma mentira que nega a verdade objectiva da realidade, opõe-se à característica fundamental do homem, que é a procura da verdade.

Esta manipulação da realidade baseia-se também no relativismo filosófico.

5 – Além disso, os meios de Comunicação Social, as escolas e a política legislativa vão a pouco e pouco introduzindo a Ideologia

do Género. A lei molda e orienta comportamentos e a consciência colectiva muda facilmente. Facilmente se identifica o que é legal com o que é bom. Se olharmos para os países europeus que introduziram leis como o aborto livre, casamento entre pessoas do mesmo sexo ou divórcio a pedido, antes das leis serem aprovadas os casos existentes eram raros. Com a nova lei em vigor, rapidamente crescem os números do aborto, casamento gay ou divórcio.

6 – O objectivo dos defensores da Ideologia do Género é a destruição da sociedade, especialmente a partir de tudo o que está relacionado com a sexualidade, a Família e a Vida.

Por isso vemos as leis que banalizam de forma alarmante a identidade sexual.

Basta invocar que psicologicamente me sinto diferente do corpo que tenho para logo de seguida poder mudar a minha identidade – mudo o nome de Maria para Manuel e passo a declarar-me homem ainda que fisionomicamente tenha aparência feminina.

7 – Por outro lado, a velha ideia de que para libertar a mulher é necessário acabar com a família e o casamento. Para acabar com uma instituição podemos usar duas formas – ou decretamos o seu fim (por lei) ou vamos equipará-la a realidades diferentes que a esvaziam de conteúdo. É esta a via seguida por aqueles que querem acabar com o casamento e com a família. Estes institutos deixam de ser realidades identificadas.

Por exemplo, podemos dizer que qualquer união pode ser considerada casamento (com 3 pessoas, pessoas e animais, etc., etc.).

8 – A Ideologia do Género defende a radical igualdade entre homem e mulher, e despreza a maternidade que é o mais específico do feminino. A maternidade é vista como algo negativo, algo que degrada e escraviza a mulher e que a impede de realizar-se plenamente.

Por isso defende que os cuidados a prestar aos filhos devem ser entregues a entidades públicas. Basta ver a institucionalização de

crianças que cresce exponencialmente, negando-se às famílias os apoios que precisam para cuidar dos filhos. As Leis de Promoção e Protecção de Menores são disso um exemplo claro. Os mais pobres são os mais vulneráveis.

Mas também querem “libertar” a mulher da gravidez, por isso as técnicas da reprodução artificial são tão desejadas, assim como o uso massivo de anticonceptivos. E ainda o direito ao aborto livre chamando-lhe “direitos reprodutivos e sexuais”.

9 – A Ideologia do Género, difundida por grandes Organizações Mundiais, priva a razão humana de reconhecer o real e por isso tornou-se hoje a principal inimiga do homem, da mulher, da família e da sociedade. Rouba ao homem a liberdade porque o manipula ao apagar o real.

Para vencer esta crise do mundo ocidental é necessária uma razão aberta à linguagem do Ser e por isso capaz de conhecer a realidade.

FILHOS SEM PAI

Pedro VAZ PATTO*

O projecto de lei de alteração da regulação da procriação medicamente assistida apresentado pelo Bloco de Esquerda, e actualmente em discussão, pretende garantir o acesso a essa técnica a mulheres sós ou numa relação homossexual, independente do diagnóstico de infertilidade. Já foi saudado por representar uma quebra da «desigualdade arcaica que reduz as mulheres a apêndices dos homens» (São José Almeida *in Público* de 24/12/2011), isto é, a que exige necessariamente o contributo destes para a procriação.

O alcance antropológico da alteração proposta, que a torna mais uma etapa da *agenda fracturante*, merece atenção e aprofundamento.

Na verdade, não se verifica uma “desigualdade ancestral” a este respeito. A natureza colocou, neste aspecto, homens e mulheres em estrito pé de igualdade: as mulheres não procriam sem os homens, mas os homens também não procriam sem as mulheres. Ninguém é mãe sozinha e ninguém é pai sozinho. Não se trata de um desígnio a corrigir ou anular, como se não tivesse sentido. Cada um dos sexos não pode deixar de reconhecer, assim, a importância do outro. Assim se exprime a estrutural relacionalidade da pessoa humana, que se

* Juiz de Direito

realiza na comunhão com o outro. Essa comunhão está na origem da vida a partir da unidade da diversidade mais elementar: a que distingue homens e mulheres. Da riqueza da dualidade sexual nasce a vida.

Associar a geração da vida à comunhão e ao amor (a vida é fruto do amor e o do amor nasce a vida), e à riqueza da dualidade sexual, não é um “engano” da natureza, mas um desígnio maravilhoso a aceitar e acolher.

A alteração proposta pretende consagrar uma visão radicalmente diferente: a procriação como instrumento de realização de um projecto individual, e não relacional.

O filho tende, assim, muito mais, a ser encarado como espelho do único progenitor, e já não como dom a acolher na sua alteridade e unicidade. Passa a ser visto como objecto de um direito que se reivindica. É o “direito à parentalidade” que está em jogo - afirma-se em defesa do projecto em discussão.

A procriação medicamente assistida tem sido encarada, à luz da lei vigente (que não deixa de ser também merecedora de críticas) como forma de suprir a infertilidade, não como alternativa à procriação natural. Não é (como, num plano semelhante, não o é a adopção) um instrumento de “experimentalismo social” ou de “engenharia social” ao serviço de “novas formas de família”. A criança gerada através de procriação medicamente assistida, como a criança adoptada, tem o direito a uma família como as outras, a uma família tanto quanto possível próxima da que tem origem na procriação natural.

Não se trata de impor um modelo de família ou uma forma de encarar a maternidade. Trata-se de dar primazia ao bem do filho, que não pode ser *coisificado* como objecto de um direito. Não há um *direito* ao filho; o filho é um *dom*. O bem do filho exige que ele seja fruto de uma relação, e não de um projecto individual. E exige que ele não seja intencionalmente privado de uma mãe ou de um pai. É ele que tem direito, não tanto a um progenitor indiferenciado

(como pretende a *ideologia do género*, ao pretender que se fale em *parentalidade*), mas a uma mãe e a um pai.

Diz-se que interessa apenas a *competência parental*, e não o sexo dos progenitores. Mas a mais competente das mães nunca poderá substituir um pai, tal como o mais competente dos pais nunca poderá substituir a mãe; o que sempre afirmaram os estudos de psicologia do desenvolvimento infantil. Nenhum de nós tem como referência um progenitor indiferenciado, mas a sua mãe e o seu pai. E quem foi privado de alguma dessas referências não deixa de lamentar profundamente esse facto.

O que agora se propõe é que da procriação medicamente assistida nasçam crianças sem pai (sempre haverá um pai genético, necessariamente anónimo, mas apenas isso), já não por acidente inevitável, mas de forma intencional e programada.

Numa fase seguinte, pretender-se-á que homens homossexuais possam recorrer à maternidade de substituição para que nasçam crianças sem mãe (o projecto em discussão ainda não dá esse passo, pois propõe a regulação dessa prática apenas como forma de suprir a infertilidade, mas tal passo já foi dado noutros países). Não me parece de saudar qualquer destas pretensões.

TENS UM DOADOR, NÃO UM PAI

Giulia GALEOTTI*

«Sinto-me com muita sorte por ter amigos assim». É este o comentário de Jeffrey Harrison no final do documentário de Jerry Rothwell, *Donor Unknown. Adventures in the Sperm Trade* (2010, já em DVD). A telecâmara focaliza agora três jovens de vinte anos que, de costas, se afastam do estacionamento no qual o homem vive em Venice Beach, numa velha autocaravana, juntamente com os seus quatro cães e um pombo.

Certamente, se é um pouco audacioso qualificá-los como amigos, contudo existe o problema de como definir a relação entre os protagonistas da filmagem: Jeffrey Harrison é, de facto, o vendedor de gâmetas masculinos que permitiu que aqueles jovens (e muitos outros ainda) nascessem. E é o vendedor que, a anos de distância, aqueles jovens vão procurar. Como escreveu Kate Spicer («The Sunday Times») «nada na imaginação de Hollywood pode competir com o enredo de *Donor Unknown*».

A história começa com o desejo de JoEllen, com vinte anos, nascida graças aos serviços da Cryobank e crescida na Pensilvânia, de descobrir o Doador 150 (este o nome de código de Jeffrey) e os seus irmãos: «Sempre soube que o faria para conhecer algo mais

* In «L'Osservatore Romano, 22 de Outubro, 2011 .

sobre mim». Em 2005 o acontecimento foi parar na primeira página de «The New York Times», o artigo, por sua vez, do contentor do lixo, acaba nas mãos incrédulas do próprio Harrison.

Donor Unknown narra uma história que é antiga e ao mesmo tempo actualíssima. Antiga porque nela há o desejo de cada adolescente de se descobrir a si mesmo e as próprias origens. Actual porque se exigência de saber passa por um banco de esperma e pela internet («fiquei fascinado com a história – disse o cineasta – porque me parece que Jeffrey e os seus filhos tiveram de enfrentar alguns dos grandes dilemas humanos gerados pelas rapidíssimas inovações da tecnologia reprodutiva»).

Sem minimizar os obstáculos ou dar juízos, apresentando o acontecimento em toda a sua complexidade (e com um certo tom poético), o documentário apresenta muitas das questões relacionadas com a fecundação heteróloga. Antes de mais, a questão do anonimato do vendedor, que na realidade está em vias de desaparecimento. Se ele no início era querido pelos pais legais (analogamente a quanto acontecia com a adopção, preferia-se fingir que o filho tivesse nascido do casal), devido a um certo número de motivos, hoje, ao contrário, prevalece o direito do nascido a conhecer as próprias origens. E também, – trata-se da outra face da mesma medalha – o direito do cliente de saber a história médica do que compra.

A favor da identidade do vendedor, há antes de tudo motivações clínicas: considere-se indispensável conhecer a anamnese genética do indivíduo para curar as doenças ou prever possíveis anomalias na prole. Por conseguinte, razões psicológicas: convidam-se quantos pedem a heterologia a não manter a criança, e o resto da família, na ignorância, para evitar que o segredo se torne dilacerante. Mas o estímulo para abater o anonimato vem também do direito, *in primis* pela evidente contradição com a Convenção Internacional de Haia, que confirma o direito da criança a conhecer a própria origem. Depois, pelo risco de matrimónios entre pessoas que, sem o saber, são consanguíneas (uma das protagonistas do documentário decide sair

só com jovens da América Latina, precisamente para evitar a possibilidade de incesto). Não falta depois a voz das feministas: há anos, por exemplo, a jurista Carmal Shalev vem afirmando que «o princípio do anonimato do doador fortalece a regra da irresponsabilidade masculina na procriação».

Concretamente, adoptam-se soluções muito diversas. Se na França a lei de 1994 erige o anonimato ao nível dos grandes princípios de ordem pública, Grã-Bretanha, Suécia, Suíça, Holanda e Nova Zelândia (entre outros), ao contrário criaram registos consultáveis pelos próprios nascidos, quando completam a maioridade. Por conseguinte, se no passado eram os pais que queriam manter escondida a origem com o terror de que os pais biológicos reclamassem direitos sobre a prole, hoje é o vendedor que teme ver-se, a anos de distância, chamado em causa a vários títulos. Os dados falam claro: já não protegidos pelo véu do anonimato, os homens são muito mais contrários a vender. Nos Países-Baixos e na Grã-Bretanha, por exemplo, o abastecimento de gâmetas esgotou-se desde quando o silêncio foi abolido. O debate é muito vivo nos Estados Unidos, onde os bancos de esperma enfrentam o dilema entre a necessidade de proteger os vendedores (para esconjurarem o seu desaparecimento) e da transparência exigida pelos clientes. Contudo, a exigência do «vendedor conhecido» já parece não se conter, também devido à mudança dos compradores. Os casais heterossexuais de facto podiam até fingir que a prole fosse sua, mas na medida em que são ao contrário casais homossexuais ou mulheres solteiras que recorrem a ela, torna-se evidente a presença de uma terceira figura.

Portanto, se a tendência é caminhar para a superação do anonimato (eventualidade que muitos, Jeffrey incluído, certamente não imaginavam, mesmo se depois ele admite que «conhecer-me era um direito deles»), apresenta-se o problema de como os protagonistas da história – pai não biológico, pai biológico, nascido e o próprio vendedor – se relacionam. Todos estes são aspectos que

o documentário *Donor Unknown* trata, de modo mais ou menos explícito.

De facto, depois do entusiasmo inicial, hoje a fecundação com semente heterológica é vista de maneira muito mais problemática. Por exemplo, os pais legais nem sempre reivindicam com clareza a sua paternidade social, atitude com frequência agravada pelo modo negativo com que é vivida a esterilidade, e com frequência são postos em segundo plano por esposas ou conviventes. Assim eles continuam a ser pouco propensos a revelar aos filhos a sua verdadeira origem: temem que, sabendo que eles são geneticamente estranhos, os possam amar menos. No seu *Everything conceivable* (2007), Liza Mundy narra a reacção violenta de um pai americano quando o filho lhe comunica que deseja procurar o doador que lhe permitiu nascer: a decisão é lida de facto como um indicador de infelicidade.

Contextualmente, mesmo que muitas mães vejam o vendedor como mero conjunto de espermatozoides e não como um indivíduo («tu tens um doador, não um pai», repete a mãe de JoEllen) ao contrário, muitas mulheres falam dele como de uma pessoa, antes de tudo porque se sentem gratas (e, de certa forma, em dívida) em relação àquele que permitiu que elas fossem mães. Por exemplo, uma das mães do documentário conta que mitificou por muitos anos o doador 150 («foi a grande incógnita, sendo contudo a outra metade da minha prole»), para depois ficar desiludida pelo Jeffrey em carne e osso. Se o vendedor é, de facto, o procriador, na realidade a tentação é de lhe chamar pai biológico, subpai, segundo pai, todos termos que, necessariamente, evocam uma figura genitorial (mesmo sendo com frequência de segundo plano). E também a escolha (bastante difundida nos Estados Unidos) de lhe chamar tio, revela a necessidade de lhe reconhecer um papel no contexto familiar. Papel não fácil, contudo. E isto também pela sua própria responsabilidade.

De facto, sobressai com clareza do Doador 150 como é o próprio vendedor que não se sente pai. Jeffrey Harrison afirma várias vezes que são só cinco os seus filhos, isto é, os quatro cães e o pombo. É

deles que se ocupa, é a eles que lê as histórias de boa-noite. Em *The Genius Factory* (2005), David Plotz cita as palavras de um vendedor segundo o qual «gerar criatura em total anonimato é de certa forma semelhante a pintar quadros que para ti são bonitos e inestimáveis, mesmo sabendo que quando estiver terminado terás que os dar e provavelmente nunca mais os verás». Assim, «todas as vezes que tomava conhecimento de um novo nascimento tinha uma sensação de orgulho e de perda: a doação era para ele um acto de amor altruísta e de dor». De resto Jeffrey, depois de ter admitido que «para o fazer deves ser uma pessoa um pouco especial: uma pessoa normal não o faria!», define-se a *soul caller*.

Mas como o nascido considera o vendedor depois de o ter encontrado? Se o filho da heterologia dificilmente consegue prescindir (muito menos simbolicamente) desta figura, a atitude em relação a ele é decididamente ambivalente. Segundo um estudo publicado em 2004 na «Human Reproduction», 25% dos filhos refere-se a ele definindo-o doador, 25% indica-o como pai biológico, e 25% simplesmente como pai (um rapazinho ao contrário chama-lhe aquele sujeito). Contudo, em absoluto a atitude mais difundida na amostragem é a curiosidade: 82% dos filhos deseja conhecer a sua vida. E se alguns sentem a necessidade de lhe perguntar se porventura os tivesse imaginado, muitos pensam que conhecê-lo aumentaria o seu sentido de identidade. Por fim, 17% considera cautamente que a eventual relação como o vendedor dependerá de como ele é como homem.

Expressando uma posição que não é minimamente pacífica, o psicólogo francês Jean-Loup Clément, que trabalha há quase trinta anos no *Centre d'étude et de conservation des oeufs e du sperme humain*, afirma que quando tomam conhecimento do segredo as crianças nunca põem em questão que o seu verdadeiro pai é aquele que viram todos os dias da sua vida (*Mon père, c'est mon père*, 2006). Mas lendo as narrações dos nascidos por ele e entrevistados,

sobressai uma situação muito diversificada. Se Lionel H. afirma que «nunca duvidou de que o nosso verdadeiro pai é aquele que nos desejou e criou, não sou filho de um carneiro!», das palavras de Sebastien sobressaem outros aspectos: «Repugnante! Concebido numa proveta a 98 graus abaixo de zero. E além disso, pagaram para isso! Estou disposto a pagar caro para conhecer o meu verdadeiro pai, sou contrário à lei francesa que protege o anonimato do doador. Um filho assim concebido deveria poder escolher se conhecê-lo ou não. Falta-me uma parte de mim», Contudo, muitos sentem a distância com uma normal relação pai-filho: um jovem nascido com os gâmetas de Jeffrey afirma que – seja como for – a deles nunca será uma relação pai-filho.

Nem é irrelevante o aspecto económico da situação: que consequências pode ter, saber que se foi concebido por dinheiro? (Por isso recusamo-nos a chamar o pai da heteróloga doador). Jeffrey não tem dificuldade em contar como para ele aquele doador foi um trabalho normal: «Paguei a renda da casa por oito anos».

«Podemos influenciar o futuro», afirma um pouco altivo no final do documentário *Donor Unknown*, o gerente da Cryobank. Para além do dinheiro, da mania científica, é preciso recordar sempre que por detrás de todas as provetas há sempre histórias de homens, mulheres e crianças. Quem sabe se orientar o amanhã é deveras um valor. Procuramos connosco a não saber nem sequer como chamar as figuras que inventamos.

BARRIGAS DE ALUGUER

Pedro VAZ PATTO*

Foi anunciada a apresentação, pelo Bloco de Esquerda, de um projecto de lei que altera a regulação da procriação medicamente assistida, designadamente no que se refere à chamada “maternidade de substituição” (vulgarmente conhecida como “barriga de aluguer”), isto é, a situação em que a mulher se dispõe a suportar uma gravidez por conta de outrem e a entregar a criança após o parto, renunciando aos poderes e deveres próprios da maternidade. Pretende-se tornar lícita tal prática quando não lucrativa, indo, assim, de encontro aos desejos de casais inférteis devido a patologias não superáveis de outro modo, e evitando, através de um regime transparente, os abusos da exploração lucrativa.

Há que salientar, porém, que os malefícios da maternidade de substituição não decorrem apenas, nem principalmente, da sua eventual exploração lucrativa e que a experiência de outros países tem revelado a extrema dificuldade em impedir a comercialização encapotada por detrás da suposta não onerosidade dos contratos.

O filho nunca deixa de sentir o abandono da “mãe de substituição”. Cada vez se conhece melhor os intercâmbios entre a mãe gestante e o feto e a importância desse intercâmbio para o salutar desenvolvimento físico, psicológico e afectivo deste. Esse

* Juiz de Direito

intercâmbio ajuda a construir a própria identidade da criança. Esta não poderá experimentar a segurança de reconhecer, depois do nascimento, o corpo onde habitou durante vários meses.

A “mãe de substituição” também sofre graves danos porque uma qualquer mulher não fica indiferente ao que lhe acontece quando está grávida. Este estado não é uma actividade como qualquer outra; transforma a vida da mulher física, psicológica e moralmente. Esta não pode deixar de viver a gravidez como sua e de sofrer com o abandono do filho. É, por isso, compreensível que, mais tarde, queira ter o direito de visitar o seu filho (e o que lhe responder, então, quando a lei lhe nega esse direito?). O útero é inseparável do corpo e da pessoa, não é um alojamento temporário, ou um instrumento técnico.

Dir-se-á que tudo isto já sucede quando uma criança é abandonada ou “dada” para adopção. Mas essa é uma situação que não pode ser evitada (se tal fosse possível, seria evitada). Aqui, estamos perante um abandono deliberadamente programado, institucionalizado pela lei, que veda a obrigação mais natural que existe: a de assumir a vida que se gerou.

A investigação empírica vem demonstrando que, quase sempre, só situações de grande carência económica (não o altruísmo) levam mulheres a sujeitar-se a tão traumatizante experiência (não é por caso que a prática se vem difundindo na Índia). A “compensação de despesas” acaba por ter efeitos idênticos aos do pagamento. E será sempre difícil o controlo judicial de compensações indirectas ou não monetárias.

Na instrução da Congregação para a Doutrina da Fé *Domum Vitae*, de 1987, afirma-se (II, A, 3), a respeito da “maternidade de substituição”, que «representa falta objectiva contra as obrigações do amor materno, da fidelidade conjugal e da maternidade responsável; ofende a dignidade e o direito do filho a ser concebido, levado no seio, posto ao mundo e educado pelos próprios pais; em detrimento

da família, instaura divisão entre os elementos físicos, psíquicos e morais que a constituem». Mais genericamente, também aí se afirma (II, B, 8), a respeito do pretense “direito ao filho” frequentemente invocado para justificar esta prática: «Um verdadeiro e próprio direito ao filho seria contrário e à sua dignidade e à sua natureza. O filho não é algo devido e não pode ser considerado como objecto de propriedade; é um dom, “o maior” e o mais gratuito dom do matrimónio, e é testemunho vivo da doação recíproca dos seus pais.»

Mas a oposição à legalização desta prática vem também de sectores ditos “progressistas” e “de esquerda”, que a consideram um grave retrocesso social. É o que faz, de forma muito categórica, o documento *Mères Porteuses; Extension du Domaine de l'Aliénation* elaborado no âmbito da fundação «Terra Nova – La Fondation Progressiste». Nele se afirma que a maternidade de substituição representa «a mais recente e a mais chocante das extensões do domínio da alienação», ou seja, da coisificação e instrumentalização da pessoa, assim ferida na sua iminente dignidade. E de que são principais vítimas as mulheres mais pobres.



VARIA

UM LIVRO, UMA VIDA: DANIEL SERRÃO

No dia 20 deste mês de Dezembro foi apresentado na Gulbenkian, em Lisboa, um livro verdadeiramente notável. Trata-se do resultado de um conjunto de conversas, transpostas em livro, aceites pelo Professor Daniel Serrão, dirigidas inteligentemente pelo Professor Henrique Pereira, que assina como Autor.

Na véspera, tinha sido apresentado em Coimbra, onde usara da palavra o Professor Henrique Vilaça Ramos, numa intervenção a todos os títulos notável, digna do Homem que se apresentou perante o entrevistador com a simplicidade e a verdade de quem é, e de quem não se esconde. É esse texto que transcrevemos a seguir, integralmente.

«DANIEL SERRÃO – AQUI DIANTE DE MIM»

Henrique Vilaça Ramos

Este livro resulta de uma longa e excelente entrevista do Prof. Daniel Serrão, conduzida sabiamente pelo Prof. Henrique Manuel Pereira. Pode por isso dizer-se que foi escrito a quatro mãos.

Começo por fazer referência ao trabalho do entrevistador.

Calculando por baixo, fez mais de um milhar de perguntas e percebe-se bem que leu DS, que leu muito e leu o principal do imenso acervo das suas publicações em livros, artigos de jornal, etc. Fez pois uma preparação séria e rigorosa.

O Prof. Henrique Manuel Pereira é um homem cuja cultura se

torna bem aparente ao longo de todo o texto e que pôde, assim, estar à altura do entrevistado, conduzindo a conversa com conhecimento e sensibilidade.

Por outro lado, o seu foi um trabalho isento, de grande seriedade intelectual, deixando o entrevistado falar, sem qualquer aproveitamento para mostrar as suas próprias opiniões, antes procurando saber as do Prof. Daniel Serrão. Ainda menos procurou fazer um julgamento, um juízo final de avaliação do entrevistado, salientando-lhe as luzes e as eventuais sombras.

O trabalho do entrevistador revela inteligência na introdução dos temas e nas intervenções recolocando o diálogo no ponto inicial, sempre que uma digressão lateral tinha desviado o discurso. Este formato da entrevista é interessante. Umás vezes segue um fio cronológico, com vários temas no mesmo período; noutros segue um único tema até certo instante, para regressar ao momento inicial e continuar a partir daí, mantendo sempre vivo o interesse na continuação da conversa. Por mim, posso dizer que, na primeira noite de leitura, me encontrei às 3h00 da madrugada a dizer: tenho mesmo que interromper aqui!

A variedade dos temas, desde a filosofia aos aspetos comezinhos da vida diária, passando pela vil perseguição de que foi objeto Daniel Serrão, culminada pela sua demissão da função pública, tudo surge no fio desta interessante conversa.

Em suma, foi um trabalho competente, sério e talentoso, pelo que todos os leitores lhe ficarão gratos.

Nesta obra, Daniel Serrão e o seu pensamento através dos seus oitenta anos de vida são o núcleo do trabalho do entrevistador, mas muitas outras figuras e factos são convocados nesta viagem que nos proporciona informações sobre pessoas e eventos da nossa história dos últimos decénios, sobretudo nas áreas da cultura e da medicina, que a maioria desconhece.

Ainda que o livro nos forneça muitos elementos biográficos de Daniel Serrão, ele não pretende ser uma biografia. Nesta perspectiva, há aspetos importantes da sua biografia que não estão aqui, nem estarão amanhã em qualquer registo escrito, como os que se referem à sua oralidade, à sua notável “performance” quando fala perante uma plateia, ainda que ela possa ser apreciada nos vídeos de intervenções suas disponíveis na NET.

Neste diálogo, Daniel Serrão expõe e expõe-se ao leitor, sem artifícios, permitindo seguir a sua busca interior, naquele mundo que foi construindo com as suas leituras e com as suas reflexões. Ao acompanhá-lo assim, verificamos que o seu percurso foi sempre orientado num só sentido, mesmo se profissionalmente tivesse de alterar substancialmente o seu rumo, levando-o a desistir da sonhada psiquiatria para se dedicar à anatomia patológica, porventura a área da medicina mais afastada da psiquiatria, como afirma. Há nele uma coerência como que intrínseca, um fio condutor que orienta todas as suas decisões. Como ele próprio declara, esse fio condutor é a procura da verdade. Procura, acrescento agora, que é tanto no campo do conhecimento da natureza como, também e sobretudo, no da ética que preside às suas opções e decisões. O sucesso que tem acompanhado o que vai realizando na vida é a consequência natural da integridade e da verdade com que a procura construir, muito na linha Viktor Frankl que diz: “Não procurem o sucesso. Quanto mais o procurarem e o transformarem em alvo, mais vão errar. Porque o sucesso como a felicidade não pode ser perseguido; ele acontece e só tem lugar como efeito colateral de uma dedicação pessoal a uma causa maior”.

O Prof. Daniel Serrão não pretende ter respostas a tudo e, de facto, a algumas perguntas responde com transparente sinceridade: “não sei responder-lhe” ou “quem sou eu para responder-lhe” ou “não tenho lido o suficiente para dar uma opinião que seja credível”.

Outra manifestação de humildade regista-se quando declara ao

entrevistador: “fico sempre aflito com as suas citações de textos meus porque eu não sou coerente comigo próprio”, o que é obviamente uma afirmação exagerada. Porque, diz, “falar verdade é uma preocupação permanente que cultivo com teimosia”. Afirma depois:

“Também me esforço por não mentir a mim próprio”, e acrescenta com sinceridade: “Mas este é um jogo de espelhos muito difícil de jogar e não sei se a verdade ganha sempre”.

A biografia de Daniel Serrão não é só o que lhe foi dado viver, em termos de acontecimentos e de relações entretecidas ao correr dos anos. É que a sua vida é também feita do que lê e do que medita, em contacto com o pensamento de autores privilegiados e do eco que eles têm no seu próprio intelecto rigoroso e claro. Mais do que a simples receção de conceitos, a leitura é para Daniel Serrão a primeira fase de um processo que, para usar uma comparação fisiológica, diria que é a simples ingestão do alimento, a que se seguem a digestão, a assimilação e por fim a feitura de diferentes materiais plásticos que dão nascimento a uma construção nova. Esta, embora dependente do que foi lido, é já uma produção própria. Por isso, tanto ou mais do que uma viagem através do que viveu e vive, este livro é uma penetração no interior de um sentir, de um pensamento e de uma consciência, numa vida intelectual que está para além das categorias temporais.

Como ele próprio diz: “Eu não passo no tempo, é o tempo que passa por mim”. E, por isso também, não sabe o que são passatempos, porque “aproveita o tempo todo”.

É um prazer intelectual seguir a sua reflexão quando, por exemplo, nos fala de alma e espírito, de consciência e autoconsciência, de verdade e veracidade ou de natureza e representação.

É tão vasta a sua biblioteca de autores das mais variadas ciências e artes que nem percebemos como teve tempo de ler tudo o que leu. Aliás, Quinta-Trias, director no Euratom, diz com graça: “He read everything... and according to me, he never sleeps”.

Daniel Serrão, quando cita autores, não costuma indicar sempre as fontes onde os leu. Este facto e também o dilatado número das obras por si lidas que quase desafia a imaginação, leva alguns a pensar que ele cita os autores sem lhes ter lido as obras. Pois bem: desta vez, a entrevista demonstra claramente que assim não é, pois está cheia de referências às inúmeras obras que leu.

Penetrar no raciocínio de Daniel Serrão leva-nos a usar chaves de leitura que passam pelo significado rigoroso das palavras que usa: consiliência, autoconsciência, archeobiologia, archeomemória, etc.

A medicina, a relação médico-doente, a doença e a morte são temas centrais e recorrentes nestas páginas. Mas muitos outros temas bioéticos sobressaem neste livro, como o aborto e a eutanásia, ou a procriação medicamente assistida. Aliás, não sei se haverá algum assunto da bioética que não tenha sido por si estudado e, mesmo, objeto de intervenção pública. Foi um dos fundadores do Centro de Estudos de Bioética – a primeira instituição portuguesa dedicada a esta matéria –, integrou desde o seu início o Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida, onde se distinguiu pelos pareceres de que foi relator, esteve na génese do Instituto de Bioética da Universidade Católica Portuguesa, integrou, no Conselho da Europa, o Comité Ad Hoc de Bioética, depois continuado pelo Comité Diretor de Bioética, tendo sido presidente do Grupo de Trabalho para o Protocolo de Proteção do Embrião e do Feto” e presidente do Grupo de Trabalho para o Protocolo de Proibição da Clonagem Humana, Conselho da Europa de que se afastou voluntariamente, ao fim de vinte anos de trabalho, por ter atingido os 80. Integrou o 1º Comité Internacional de Bioética, da UNESCO e foi Perito da Comissão Europeia para avaliar a qualidade ética dos projetos de investigação candidatos a subsídios. Mas a posição que pressinto terá sido a que mais acarinha foi a sua nomeação para a Pontifícia Academia para a Vida, desde a sua fundação. Aliás, a importância de Daniel Serrão no domínio da bioética, de que é um dos pioneiros em Portugal, foi reconhecida pelo Presidente da República quando o agraciou com a

Grã-Cruz da Ordem de Sant’Iago da Espada pela sua obra nesta área transdisciplinar.

Outra área largamente abordada nesta entrevista é a filosofia. Ainda que não se julgue filósofo, a verdade é que é impressionante a extensa plêiade de autores desta área cujas obras leu e cujas ideias conhece e discute.

Nas muitas páginas em que os temas filosóficos surgem, encontramos sempre o comentário apropriado, muitas vezes uma reserva ou uma contradita, como, para dar só um exemplo, quando menciona a conhecidíssima formulação de Heidegger de que o Homem é um ser para a morte: “*Sein zum Tod*”. E aqui faço um parêntesis para dizer que não é certo que Heidegger tenha afirmado que o homem é um ser para a morte. Há quem afirme que tradução está errada, mas ao caso presente não importa. À afirmação de que o homem é um ser para a morte, Daniel Serrão contrapõe: “o Homem é um ser *até* à morte: e neste *até* é que está o valor e significado da vida”.

Um dos temas mais interessantes do livro e que assoma em várias das suas páginas é a relação Ciência e Religião. A sua posição é a mesma de João Paulo II que afirmou: “A ciência pode purificar a religião do erro e da superstição e a religião pode purificar a ciência da idolatria e dos falsos absolutos”. No plano pessoal, Daniel Serrão, o cientista e pensador, confessa-se católico, mas espírito livre e afirma: “Só estou «condicionado» em questões ligadas ao depósito da Fé. Que é a Fé em Jesus de Nazaré, chamado Cristo, e na Igreja que é o Sacramento constituído e celebrado por todos os crentes.” Quanto aos ensinamentos e opiniões da Igreja, como organização formal centralizada em Roma, formulados acerca de muitas questões da vida pessoal e social, diz-nos: “considero com cuidado e procuro conhecer bem” mas acrescenta: se as “opiniões que tomo... forem iguais às da Igreja, fico feliz...; se no final da reflexão persistir diferença sigo a minha opinião”. E termina abonando-se

em S. Tomás de Aquino que defendeu a liberdade em tudo o que for opinável. Daniel Serrão é afinal um livre pensador, mas na melhor aceção das palavras.

Nota-se também, nesta excelente entrevista, o seu interesse pela literatura, mas nela pressentimos que a poesia é talvez a sua leitura favorita, sendo dezenas os poetas que cita nestas páginas. Fernando Pessoa é o mais chamado à colação, mas também o são muitos outros, desde Antero a Daniel Faria, passando por António Gedeão, Sophya e tantos outros. Aliás, é neste conhecimento muito íntimo da poesia que diz radicar o facto de nunca ter tentado a poesia. “Li desde muito cedo tanta poesia que tudo o que fizesse seria sempre plágio inconsciente”.

A abrangência da sua cultura é surpreendente, mas a entrevista deixa-nos perceber como a foi adquirindo. Uma pista importante reside na envolvimento cultural em que se movia Daniel Serrão, ainda estudante universitário, o que transparece bem do que disse num texto sobre o Prof. Walter Osswald, seu colega de curso e elemento de uma tertúlia de estudantes interessados e reproduzido neste livro a págs. 72:

“(...) tendo criado um mundo próprio de convivência cultural, onde falávamos do que sabíamos (ou julgávamos saber) num ambiente de crítica livre e aberta; por nós passavam os existencialistas franceses, que estavam então na moda, e uns éramos fiéis a Sartre, outros a Marcel; passavam os poetas, os pintores, os músicos; escrevíamos no Jornal universitário que então se publicava, esforçando-nos por ter boa gramática e ideias originais; líamos, com paixão, o Álvaro de Campos, uns vivendo as Odes e a Tabacaria como o autêntico real absoluto de Novalis, outros já apanhados pelo sortilégio secreto dos poemas rosacrucianos do Pessoa ele próprio; também algum Manuel Bandeira, encontrado nos Suplementos literários dos jornais e, certamente, José Régio (...) Éramos assim nos finais dos anos quarenta!”

Esta atmosfera cultural explica bem a multiplicidade dos interesses que sempre cultivou. Não surpreende, portanto, vê-lo a apresentar livros de arte pictórica ou arquitetónica, a par de livros de poesia, ou a escrever textos para catálogos de pintura ou a comentar obras cinematográficas.

Poderia este homem de pensamento limitar-se à vida intelectual e habitar os altos cumes da cultura, passando ao lado da vida do dia-a-dia que se desenrola nos baixos da planície em que vive a grande maioria dos seres humanos. Mas Daniel Serrão, como é sabido e fica muito claro neste livro, tem tido uma intervenção muito empenhada na vida coletiva.

Com efeito e como já tive ocasião de referir noutra lugar, “Daniel Serrão tem sido um ator exemplarmente empenhado na vida nacional, deixando marcas impressivas em todas as tarefas a que se dedica, e foram já tantas que são matéria de assombro”... “Na Universidade, no Hospital, na Ordem dos Médicos, nas missões que os governantes lhe atribuíram e que desempenhou com o maior brilho, dentro e fora do País”, mas também e sobretudo nos areópagos da ética, como já referi antes, tal como num espantoso número de outras atividades, Daniel Serrão revela-se sempre um interventor empenhado na vida da polis.

Neste sentido, basta-me citar mais um exemplo de que o livro dá notícia: a história do famoso Conselho de Reflexão para a Saúde, criado por seu alvitre na dependência do Ministério da Saúde e de que foi presidente. Ao fim de 2 anos de sério trabalho apresentou as suas conclusões com o título “Recomendações para uma reforma estrutural” que terá sido uma das maiores contribuições de Daniel Serrão para o seu País natal. Infelizmente, mais de uma dezena de anos depois, os políticos ainda não lhe deram seguimento, com prejuízo de todos nós.

Tendo aludido a vários aspectos do pensamento de Daniel Serrão, seria talvez lógico presumir que o estudo, a vida intelectual

ou a carreira pudessem ser o que é mais importante para Daniel Serrão. Mas ainda bem que ele nos esclarece. Mais que tudo o resto, a sua prioridade é a Família.

É por isso que deve ser lido com especial atenção tudo o que nos diz acerca dela e perceber quanto o terão tocado as alegrias e as agruras que nela têm ocorrido e que o foram moldando, nomeadamente as mortes que sofreu e cujo luto suportou sem uma lágrima, porque, segundo confessa, “o outro dentro de mim me vigia e não o permitia”, mas que hoje está muito diferente pois “não permito que o outro interfira sempre e me controle”.

Quero, neste contexto, referir quanto a afabilidade do seu trato é sentida por todos os que com ele convivem. E à pergunta se tem inimigos, responde benignamente, mas sem perder o senso da realidade: “Devo tê-los, mas não os conheço”. E acrescenta: “Há pessoas que não gostam do que eu digo e escrevo. Manifestam, publicamente, a sua discordância, mas isto não os transforma em meus inimigos. Para mim são amigos a quem agradeço a discordância”.

Muito frequentemente, os pensadores, sobretudo quando chegados a idades avançadas da vida, assumem uma postura pessimista. Não assim, Daniel Serrão. É reconfortante ver que é um homem de esperança, mesmo no sentido terreno do conceito. Acredita que “a evolução progressiva da inteligência humana”... “vai implantar a paz entre todos os homens e nações”.

Terminada a leitura do livro, acho que todo o leitor terá vontade de dizer: que bom é conhecê-lo Prof. Daniel Serrão. E é isso mesmo que digo eu próprio, *aqui, diante de si*.



**NOTÍCIAS
E
COMENTÁRIOS**

LIGAR OS PONTOS: a LIÇÃO DE STEVE JOBS

Pe. Tolentino Mendonça*

Numa cultura que se recusa a encarar a doença e a morte ... Steve Jobs deixa um testemunho exemplar de sabedoria e humanidade

É estranho dizer-se de um homem que morre aos 56 anos que tenha tido três vidas. Mas é isso que apetece dizer quando se escuta o inspirador discurso que Steve Jobs fez em 2005, na entrega de diplomas da universidade de Stanford, e que hoje podemos perceber claramente como uma espécie de testamento. Jobs contou, então, três histórias, que correspondem a momentos-chave do seu percurso.

A **primeira** descreve os seus difíceis começos e ele chama-lhe “ligar os pontos”. O arranque da vida não podia ser mais áspero. Entregue para a adoção assim que nasceu, uma adolescência hesitante, a entrada numa universidade que os pais não conseguiam pagar nem ele verdadeiramente suportava, a dureza de uma juventude feita de biscates, meio à deriva...Mas no meio disso, a aprendizagem pessoal do valor das coisas, a busca exigente daquilo que realmente gostava e aceitar pagar o preço, em dedicação e esforço. Ele conta, por exemplo, que escolheu frequentar minuciosamente um bizarro curso de caligrafia. Só dez anos mais tarde, quando inventou o revolucionário Machintosh, percebeu que esse conhecimento viria a ter uma aplicação preciosa. Como diz Steve Jobs, precisamos confiar que os pontos dispersos do nosso percurso se vão ligar e receber daí confiança para seguir um caminho diferente do previsto.

A **segunda história** é sobre o amor e a perda. Ele inventou com um amigo, na garagem da sua casa, um negócio que, em apenas uma década, passou a mover 2 biliões de dólares e 4000 empregados. E, precisamente, quando julgava ter alcançado o auge despedem-no.

* Agência «Ecclesia», 11-10-2011

Impressionante é o modo como integra este golpe, depois de um primeiro atordoamento: «Decidi começar de novo. E isso deu-me liberdade para começar um dos períodos mais criativos da minha vida». A verdade é que ele se reinventa e volta à liderança da empresa da qual havia sido dispensado.

A **terceira história** é acerca da doença e da morte. E numa cultura que se recusa a encarar qualquer uma delas, Steve Jobs deixa um testemunho exemplar de sabedoria e humanidade: «A morte é muito provavelmente a melhor invenção da Vida...O nosso tempo é limitado; então não o desperdicemos... Tenhamos a coragem de seguir o nosso coração». Por isso, a sua morte recente não nos obriga apenas a lembrar a revolução tecnológica que ele aproximou dos nossos quotidianos. Ela obriga-nos a arriscar “ligar os pontos” dentro de nós.

José Tolentino Mendonça

«TODOS OS SANTOS» OU «HALLOWEEN»?*

“Europa trocou crucifixos por abóboras”

O Cardeal Tarcisio Bertone, Secretário de Estado do Vaticano, numa entrevista à Comunidade Cristo de Betânia, lamentou que a Europa do terceiro milénio troque os seus “símbolos mais queridos” pelas “abóboras” do Halloween. O número dois do Vaticano comentava assim, em 2009, a decisão do Tribunal Europeu de Direitos do Homem, que define a presença do crucifixo nas escolas como uma violação da liberdade religiosa dos alunos e como contrária ao direito dos pais em educarem os filhos segundo as suas convicções.

* Comunidade Cristo de Betânea, 29 de Outubro de 2011 (facebook.com/cristobetanea.net).

Claro que, subjacente à expansão do Halloween, está o tentar ofuscar a celebração de “Todos os Santos”: o ofuscar da Luz, da Vida, da Ressurreição, de Deus! Celebrar o Halloween é celebrar a morte; Celebrar Todos os Santos é celebrar a Vida!

No contexto de campanhas publicitárias da promoção da festa de Halloween, cada vez mais agressivas, a Conferência Episcopal da França, já no distante ano de 2003, publicou um comunicado para explicar o sentido da festa de “Todos os Santos” e do “Dia dos fiéis Defuntos”.

Com a Festa de 1 de Novembro, dia de “Todos os Santos”, a Igreja deseja «honrar os santos “anónimos”, muito mais numerosos que os canonizados pela Igreja, que com frequência viveram na discricção ao serviço de Deus e de seus contemporâneos”, recorda o texto. Neste sentido, declaram os bispos, a Festa de “Todos os Santos” é a festa de «todos os baptizados, pois cada um está chamado por Deus à santidade». Constituí, portanto, um convite a «experimentar a alegria daqueles que puseram Cristo no centro de suas vidas».

A 2 de Novembro, dia de oração pelos defuntos, é proposta uma prática que se iniciou com os primeiros cristãos: a ideia de convocar uma jornada especial de oração pelos falecidos, continuação de “Todos os Santos”, surgiu no século X: “A 1 de Novembro, os católicos celebram na alegria a festa de Todos os Santos; no dia seguinte, rezam de maneira geral por todos os que morreram», afirma o documento.

Deste modo, a Igreja quer dar a entender que «a morte é uma realidade que se pode e que se deve assumir, pois constitui o passo no seguimento de Cristo ressuscitado». Isto explica as flores com que nestes dias se adornam os túmulos, «sinal de vida e de esperança», concluem os prelados.

E o “pão por Deus das crianças”?

A tradição diz que, em Portugal, no dia de Todos os Santos as crianças saem à rua e juntam-se em pequenos grupos para pedir o

«Pão por Deus» de porta em porta. Em tempos, as crianças, quando pediam o «Pão por Deus», recitavam versos e recebiam como oferenda pão, broas, bolos, romãs e frutos secos, nozes, amêndoas ou castanhas, que colocavam dentro dos seus sacos de pano. É costume em algumas regiões os padrinhos oferecerem um bolo, o Santoro. Em algumas povoações chama-se a este dia o ‘Dia dos Bolinhos’.

E o “Halloween”?

A festa de «Halloween» chegou dos Estados Unidos da América, e é agora muito celebrada também na Europa, assinalando-se a 31 de Outubro. A comemoração veio dos antigos povos bárbaros Celtas, que habitava a Grã-Bretanha há mais de 2000 anos. Os Celtas realizavam a colheita nessa época do ano, e, segundo um antigo ritual, para eles os espíritos das pessoas mortas voltariam à Terra durante a noite, e queriam, entre outras coisas, alimentar-se e assustar as pessoas. Então, os Celtas costumavam vestir-se com máscaras assustadoras para afastar estes espíritos. Esse episódio era conhecido como o “Samhaim”. Com o passar do tempo, os cristãos chegaram à Grã-Bretanha, converteram os Celtas e outros povos da Ilha e a Igreja Católica transformou este ritual pagão numa festa religiosa, passando a ser celebrada nesta mesma época e, ao invés de honrar espíritos e forças ocultas, o povo recém catequizado deveria honrar os santos.

A tradição entre estes povos continuou, e além de celebrarem o “Dia de Todos os Santos”, os não convertidos ao Cristianismo celebravam também a noite da véspera do Dia de Todos os Santos com as máscaras assustadoras e com comida. A noite era chamada de “All Hallows Evening”; abreviando-se, veio o Halloween.

Que nós, cristãos, celebremos a Vida e não a Morte, não nos deixando enganar e seduzir pela cultura da morte dos que vivem sem Deus!

EMBRIÃO HUMANO

Histórica sentença num caso de patentes biotecnológicas*

– O Tribunal Europeu de Justiça, com sede no Luxemburgo, ditou uma histórica sentença a favor da dignidade do embrião humano desde a concepção. Trata-se de uma decisão emitida a partir de um pedido da organização ecologista *Greenpeace*, num caso de patentes biotecnológicas.

A sentença declara que uma invenção biotecnológica não deve ser protegida juridicamente quando, para o seu processo, haja requerido a prévia destruição de embriões humanos ou o uso deles como materiais de base.

Em definitivo, não poderá ser patenteado um processo que implique a extracção de uma célula-tronco de um embrião humano, nem sequer na etapa de blastocito (célula embrionária não-diferenciada), já que este processo implica a destruição do embrião.

O caso que deu lugar à sentença originou-se a partir da decisão do Tribunal Federal de Justiça da Alemanha, a pedido da organização ecologista *Greenpeace*, de submeter a patente desenvolvida por Oliver Brüstle, em 1997, ao Tribunal Europeu, para que fosse este quem interpretasse a expressão “embrião humano”, à qual se refere o art. 6 (2) (c) da Directiva da União Europeia 98/44/EC sobre a Protecção Jurídica das Invenções Biotecnológicas.

Agora, a sentença do Tribunal de Luxemburgo pronunciou-se no sentido de que a Directiva protege todos os estágios da vida humana, ao excluir o embrião humano da protecção das patentes.

A falha proporciona assim uma correta definição do “embrião humano” como um “organismo capaz de iniciar o desenvolvimento

* LUXEMBURGO, 21 de Outubro de 2011 (ZENIT.org)

de um ser humano”, seja o resultado da fecundação ou o produto de uma clonagem.

Em concreto, a falha da sentença confirma que a legislação europeia relativa à protecção jurídica das invenções biotecnológicas deve ser interpretada no sentido de que constitui um “embrião humano” todo óvulo humano a partir do estágio da fecundação, todo óvulo humano não-fecundado no qual tenha se implantado o núcleo de uma célula humana madura, e todo o óvulo humano não-fecundado estimulado para se dividir e desenvolver mediante partenogéneses (reprodução baseada no desenvolvimento de células sexuais femininas não-fecundadas).

Além disso, a sentença exclui que possa ser patenteada uma invenção que tenha implicado a destruição prévia de embriões humanos ou a sua utilização como matéria-prima, seja qual for o estágio em que estes se utilizem.

A associação espanhola *Profesionales por la Ética* comemorou esta decisão do Tribunal Europeu “a partir da convicção de que a protecção da vida humana requer, no contexto das atuais pesquisas biotecnológicas, uma definição ampla do que deve ser entendido por “embrião humano”.

Dessa maneira, além disso, “reforça-se o carácter ético de tais pesquisas e, em definitivo, a melhor e mais eficaz opção pelas células-tronco adultas.

Segundo a associação, “a negativa da patente à pesquisa com células embrionárias na Europa faz que, a partir desta histórica sentença, tal linha de pesquisa seja muito menos atraente do ponto de vista dos interesses financeiros que, em boa medida, a sustentavam”.

É possível ver o texto completo da [sentença do Tribunal Europeu de Justiça no caso Brüstle vs. Greenpeace](http://www.profesionalesetica.org/), de 18 de Outubro de 2011.

Para saber mais: <http://www.profesionalesetica.org/>.

CUIDADOS PALIATIVOS

Um caso exemplar no planalto Mirandês*

Começou em Fevereiro de 2010 o trabalho da Unidade Domiciliária de Cuidados Paliativos-Planalto Mirandês, prestando um auxílio precioso às pessoas com doença grave e incurável, e/ou em fase terminal, bem como às suas famílias. Esse auxílio estende-se aos concelhos de Miranda do Douro, Mogadouro e Vimioso, no interior transmontano. A coordenadora, dr^a Jacinta Fernandes, explica a existência deste serviço «como um sonho que a acompanhou durante anos e que, finalmente, está a concretizar-se no terreno, com grande satisfação dos profissionais envolvidos e das famílias dos doentes.

Ao longo dos seus estágios de Medicina Geral e Familiar, afirma, foi-se apercebendo das grandes dificuldades que sentiam os doentes portadores de doenças crónicas progressivas e incuráveis, no acesso aos cuidados de saúde. Colocada em Miranda do Douro e mais tarde com funções na Sub-Região de Saúde de Bragança, elaborou um projecto de cuidados de proximidade, que foi considerado utópico. Já aposentada, fez o Mestrado em Cuidados Paliativos da F. M. da Universidade de Lisboa. Em 2009 apresentou o mesmo “projecto utópico”, com algumas adaptações, à Fundação Calouste Gulbenkian, que decidiu apoiá-lo, financiando-o por três anos.

Foi feita formação básica a todos os profissionais envolvidos, e os coordenadores receberam formação avançada em Cuidados Paliativos, permitindo o acompanhamento dos doentes e familiares com qualidade humana e técnica. As visitas domiciliárias programam-

* Texto baseado numa entrevista concedida pela Coordenadora a «Notícias Médicas», publicada em 2/11/2011.

se de acordo com as necessidades dos doentes e das famílias, havendo saídas programadas entre as 09.00 H e as 19.00 H. Há saídas não programadas sempre que existe solicitação para isso.

Quando interrogada sobre os custos de um serviço deste género, que no final do ano de 2012 deixará de receber financiamento da Gulbenkian, a sua resposta foi muito clara: «mesmo com a crise, é preciso pensar que, ao contrário do que se diz, os Cuidados Paliativos no domicílio ficam mais baratos do que no internamento. Há que rentabilizar recursos, há que educar os profissionais e incentivá-los a trabalhar em equipa», evitando duplicações que aumentam os custos. Além disso, diz ainda, será sempre possível recorrer ao voluntariado, devidamente preparado.

Estes cuidados continuados devem ser acarinhados por todos, interessando neles não apenas os profissionais, mas igualmente os autarcas, as Misericórdias e as populações. Desejamos que o exemplo mirandês se estenda a muitas outras regiões do País, tão desfavorecidas de cuidados.

UM CONSELHO SURPREENDENTE

A necessidade de mantermos contacto com o mundo das ideias, das atitudes, das decisões, através dos meios informáticos, conduz, quase diariamente, a uma inundação de material enviado pela “net” que, na maioria dos casos, só pode ter a classificação de lixo.

Mas existem muitos outros – textos, notas, comentários, imagens – que nos surpreendem pela sua beleza, pela profundidade do seu conteúdo, pelos conselhos que encerram. Poderão não ser novidade, mas a sua formulação nova, ou a beleza da frase, ou a verdade tão actual, ou até a sua própria origem, nos deixam quase estupefactos. Num mundo que tende a valorizar o crime, a catástrofe, a insegurança, a destruição da

natureza – “*só é notícia a má notícia*” – temos afinal a felicidade de encontrar quem sabe olhar para a vida, a sua, a dos outros, a que nos envolve, como uma dádiva de exceção que nos cabe valorizar com entusiasmo, com toda a capacidade que formos desenvolvendo dentro e fora de nós próprios.

A natureza humana que nos foi dada gratuitamente, precisa de se afirmar pelo valor, pelo trabalho, pela esperança e confiança; precisa de referências que não mudem ao sabor de tendências ideológicas, modas sociais, ou pressões políticas. Vida sem essas referências é o vazio, que tenta esquecer a sua própria inutilidade, mergulhando nas inutilidades quase que impostas por uma sociedade que anda à deriva.

«Conselho Surpreendente» foi o título que dei a estes poucos comentários, que precedem a transcrição do texto que se segue, aparentemente inapropriado para ser incluído numa revista com as características de «Acção Médica».

Surpreendente porque saiu da pena e da alma de uma mulher que sabe marcar a sua presença pela elegância na sociedade em que vive, e pela palavra fácil e suave que transmite vida e luz, numa simplicidade contagiante. Chama-se Glória Kallil.

B.-T.

SER CHIQUE MESMO É CRER EM DEUS

Nunca o termo “chique” foi tão usado para qualificar pessoas como nos dias de hoje.

A verdade é que ninguém é chique por decreto. E algumas boas coisas da vida, infelizmente, não estão à venda. Elegância é uma delas.

Assim, para ser chique é preciso muito mais que um guarda-roupa ou “closet” recheado de grifes famosas e importadas. Muito mais que um belo carro Italiano.

O que faz uma pessoa chique, não é o que essa pessoa tem, mas a forma como ela se comporta perante a vida.

Chique mesmo é ser discreto.

Quem não procura chamar atenção com suas risadas muito altas, nem por seus imensos decotes e nem precisa contar vantagens, mesmo quando estas são verdadeiras.

Chique é atrair, mesmo sem querer, todos os olhares, porque se tem brilho próprio.

Chique mesmo é ser discreto, não fazer perguntas ou insinuações inoportunas, nem procurar saber o que não é da sua conta.

É evitar deixar-se levar pela mania nacional de jogar lixo na rua.

*Chique mesmo é dar bom dia ao porteiro do seu prédio e às pessoas que estão no elevador.
É lembrar-se do aniversário dos amigos.*

*Chique mesmo é não se exceder jamais!
Nem na bebida, nem na comida, nem na maneira de se vestir.*

Chique mesmo é olhar nos olhos do seu interlocutor.

É “desligar o radar”, “o telefone”, quando estiver sentado à mesa do restaurante, prestar verdadeira atenção a sua companhia.

Chique mesmo é honrar a sua palavra, ser grato a quem o ajuda, correto com quem você se relaciona e honesto nos seus negócios.

Chique mesmo é não fazer a menor questão de aparecer, ainda que você seja o homenageado da noite!

Chique do chique é não se iludir com “trocentas” plásticas do físico... quando se pretende corrigir o carácter: não há plástica que salve grosseria, incompetência, mentira, fraude, agressão, intolerância, ateísmo... falsidade.

Mas, para ser chique, chique mesmo, você tem, antes de tudo, de se lembrar sempre de o quão breve é a vida e de que, ao final e ao cabo, vamos todos terminar da mesma maneira, mortos, sem levar nada material deste mundo.

Portanto, não gaste a sua energia com o que não tem valor, não desperdice as pessoas interessantes com quem se encontrar e não aceite, em hipótese alguma, fazer qualquer coisa que não lhe faça bem, que não seja correta.

Lembre-se: o diabo parece chique, mas o inferno não tem qualquer “glamour”!

Porque, no final das contas, CHIQUE MESMO É CRER EM DEUS!

Investir em conhecimento pode nos tornar sábios... mas, Amor e Fé tornam-nos humanos!

GLÓRIA KALLIL

«ACÇÃO MÉDICA» HÁ 50 ANOS

Acção Médica fez 25 anos há Cinquenta Anos

Conforme promessa exarada no número anterior da nossa revista, voltamos ao assunto, nela apenas afluído, das primeiras Jornadas Internacionais da Imprensa Católica, realizadas nessa ocasião em Lisboa, promovidas pela nossa associação por iniciativa do então secretário Dr. José Nunes e, sobretudo, do vogal Dr. Santana Carlos, que fora já um dinâmico secretário do histórico 3o Congresso Mundial dos Médicos Católicos (Lisboa, 1947).

Pela primeira vez se reuniram responsáveis de revistas médicas católicas: ao todo, pela presença ou por comunicações enviadas, ouviu-se a voz de mais de uma dúzia de revistas de países europeus (Bélgica, Áustria, Inglaterra, Espanha, Suíça, Alemanha, Portugal, Itália, França, Dinamarca, Holanda) e extra-europeus (Estados Unidos, Filipinas, Austrália). Nessa altura, eram 25 as revistas de associações de médicos católicos.

É de muito interessante leitura o relato dessas jornadas (que ocupa 60 páginas), pelo conteúdo e pela forma como foram identificados os problemas e apontadas as soluções, até pela actualidade indiscutível de alguns dos aspectos abordados e pela sensação de que muitas das iniciativas preconizadas não encontraram efectivação apropriada - por falta de meios, mas também de entusiasmo e de dedicação.

Das muito interessantes contribuições ressaltam aspectos comuns que perpassam por todas as revistas. Em primeiro lugar, que estas publicações são de grande valia para a existência das próprias associações a que dão voz: médicos católicos espalhados por um país raramente se reúnem em congresso e podem ter a impressão que estão sozinhos ou abandonados; a revista é traço de

união, portadora de mensagem e actualidade, doutrinadora fiável e incentivo á reflexão individual e aos pequenos grupos diocesanos ou cidadãos. Se já assim acontece em Portugal, tiveram-se presentes as distâncias da América do Norte (Estados Unidos e Canadá) ou da Austrália para se concluir que muito raramente se poderão realizar reuniões nacionais. Nestas circunstâncias, como afirmava então o Dr. Paiva Boléo, director da Acção Médica “sem a revista a associação definha“. Verdade indiscutível, como alias se provou também entre nós. De facto, tendo a AMCP sido fundada em 1915, vinte anos depois encontrava-se moribunda, sem contacto existente entre os seus escassos associados, entre os quais se destacavam o verdadeiro fundador Dr. Garcia Pulido (Serpa), o Dr. Rodrigues de Carvalho (Porto) e o Dr. Serras e Silva (Coimbra). É nesta situação que a reanimação se verifica, graças à iniciativa de José Paiva Boléo, que consegue a colaboração de vários médicos, entre os quais os professores universitários Mello Breyner e João Porto, que serviram de Presidentes das próximas Direcções nacionais.

Neste contexto o que importa é salientar o nascimento de Acção Médica em 1935, logo com a direcção de Paiva Boléo, que cansado pelos longos e frutuossos anos da sua dedicadíssima entrega, viria a passar o testemunho ao nosso actual director, seu sobrinho, continuador e émulo no entusiasmo, na dedicação e na alta qualidade do seu contributo como autor de editoriais e artigos.

Outro aspecto focado pelos responsáveis reunidos em Lisboa foi o da necessidade de intercâmbio entre as diferentes revistas, propugnando pela possibilidade de reproduzir artigos inseridos em outras revistas de países diferentes, obviamente com a indicação de autoria e origem. Pareceu também aos participantes na reunião que deveria existir um serviço bibliográfico internacional (a cargo da FIAMC) que registasse os índices dos artigos publicados nas revistas, seguido do resumo em várias línguas. E mais alvitram que esse serviço internacional devia publicar um boletim próprio,

com artigos, entrevistas, resenhas de obras novas e importantes, relatos de congressos, documentos do magistério, etc.

As conclusões que aprovaram foram, naturalmente, no sentido acima descrito: todos os artigos devem apresentar resumos em várias, pelo menos duas, línguas; a FIAMC deve organizar um Centro Internacional de documentação e publicar uma revista própria; nos congressos mundiais deve haver lugar a uma sessão de encontro e discussão entre os responsáveis pelas diversas revistas; e, finalmente, os intercâmbios de revistas devem constituir uma obrigação.

Havendo mais de 50 publicações próprias das mais de 90 associações existentes no mundo, parece inexequível a sugestão apresentada em último lugar. Todas as outras, porem, são de elementar sabedoria, mas infelizmente não foram, até hoje, concretizadas. Durante os doze anos em que fiz parte da direcção internacional da FIAMC, esforcei-me (mesmo sem conhecer, ao tempo, as conclusões destas Jornadas) por agir de acordo com as recomendações. Criou-se o boletim ‘Decisions’, órgão da FIAMC com as características tanto tempo antes sugeridas em Lisboa, e tentou-se mobilizar as publicações para a troca de informação e de conteúdos, infelizmente sem grande êxito, pois só algumas responderam aos nossos inquéritos e pedidos, assim nos permitindo apresenta-las no nosso boletim.

Em época de comunicação fácil e global, o site da FIAMC fornece muita informação, mas falta-lhe a regularidade e a riqueza de uma revista e estamos longe de alcançar o que Há 50 anos se almejava em Lisboa. Certamente que o futuro trará novas gerações de responsáveis, mais vivas e tenazes vontade, melhores realizações. Por nós, estamos prontos: a Acção Médica existe há 75anos, a Associação há quase 100, há que contar connosco!

ACÇÃO MÉDICA

ANO LXXV, N° 4, DEZEMBRO 2011

RESUMOS

75 ANOS – ANO DE ANIVERSÁRIO	
Nota sobre a sessão solene comemorativa do 75º aniversário de publicação ininterrupta da revista «Acção Médica».....	1
CARTA DO PRESIDENTE DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL	3
Carta do Presidente da Conferência Episcopal dirigida ao director da revista de congratulação pelo trabalho formativo e crítico desenvolvido ao longo dos 75 anos de publicação.	
«Acção Médica - 75 anos – J. BOLÉO-TOMÉ	5
Os 75 anos de publicação da revista de doutrina e crítica «Acção Médica», representam, antes de mais, uma história de audácia: numa época e num meio adversos, por diversas vezes foi a única publicação médica que, corajosamente, elevou a sua voz contra atitudes políticas e médicas, como o eugenismo e a eutanásia. O Autor mostra o que tem sido a evolução da revista através da sua capa, que tem tentado acompanhar as tendências artísticas, mantendo claramente a sua definição actual. A revista foi, igualmente, o que foram os seus pilares fundamentais, principalmente em momentos bem difíceis: o Fundador decidido e seu Director até ao falecimento, o Dr. Paiva Boléo, e o Administrador eficaz que surgiu quando tudo parecia próximo da ruína, o Dr. Bianchi de Aguiar. Para eles, este aniversário é também uma homenagem.	
Acção Médica, espelho e estandarte da Associação dos Médicos Católicos Portugueses - Walter OSSWALD	21
Nas páginas da “Acção Médica” estão reflectidos os avanços da biotecnologia e da ciência médica das últimas décadas e as reflexões que o Magistério tem proposto, expressos de forma humana e compassiva. Os textos não traduzem apenas a doutrinação oficial sobre as questões éticas e os temas em debate nas sociedades contemporâneas, mas frequentemente antecipam ou explicitam a doutrina proposta pela Hierarquia. O autor sublinha as características da revista ao longo do seu tempo de publicação citando as páginas que as documentam: a independência, mantendo-se fiel ao Magistério; a oportunidade, seguindo os sinais dos tempos; o serviço à Verdade, ainda que polarizando a clara hostilidade dos poderes dominantes.	
Acção Médica, algumas reflexões sobre as circunstâncias do futuro – A. LAUREANO SANTOS	27
Os meios de comunicação actuais fazem-nos participar cada vez mais in-	

91

tensamente numa cultura comum tornando universais os grandes problemas das sociedades contemporâneas. O magistério do Santo Padre, utilizando uma linguagem contemporânea, tem apontado as atitudes prevaletentes na cultura actual que se reflectem nas grandes questões económicas e políticas que dominam as sociedades europeias. A Acção Médica manterá nas suas páginas os debates presentes na sociedade portuguesa sobre as questões que se relacionam com a saúde e com a ciência traduzindo as opiniões dos médicos católicos portugueses e a doutrina expressa pela hierarquia da Igreja Católica.

TEMAS ACTUAIS

- | | |
|--|----|
| ■ Civilização atea? – Aires GAMEIRO (O.H.) | 41 |
| A minha reacção é de que não vivemos numa civilização sem Deus apesar de haver muitas manchas de ateísmo prático e militante e o mundo ser pressionado por grupos que lutam contra todos os tipos de religião. Muitos constituem grupos de interesses que admitem controlar o mundo. Os cristãos sabem que Deus está bem presente no mundo e naqueles que O aceitam. Vamos ser fiéis à celebração da Sua presença em Jesus Cristo. Afinal a civilização está a ser restaurada continuamente por Ele e pelos que n’Ele vivem unidos na sua vida quotidiana. | |
| ■ Humanismo e laicismo – ORNAGHI / KRISTEVA | 43 |
| Em Novembro ultimo ocorreu no Salão da Cultura Europeia, em Veneza um diálogo muito vivo e interessante entre o actual Ministro da Cultura Italiano Lorenzo Ornaghi e escritora francesa Julia Kristeva. “A presença da religião no âmbito público parece-me hoje essencial para reforçar as características constitutivas da vida social, a qualidade do sistema democrático e o seu funcionamento normal”. A escritora, que participara no último encontro com o Santo Padre em Assis cita as suas palavras convidando os crentes a apreciar ‘o caminho para a verdade’ que é trilhado por essas ‘pessoas à procura de Deus’, que são os humanistas. | |
| ■ A ideologia do género – Isilda PEGADO | 46 |
| A ideologia do género defende que as diferenças entre homens e mulheres não dependem da sua natureza sexuada mas constituem uma aquisição cultural e são a causa da discriminação que a mulher tem sofrido. Propõe-se libertar a mulher e através da eliminação da diferença entre os dois sexos utilizando uma verdadeira engenharia verbal, na qual as palavras adquirem um significado diferente e original para lhes modifica o sentido. | |
| ■ Filhos sem Pai – Pedro VAZ PATTO | 50 |
| O projecto de lei de alteração da regulação da procriação medicamente assistida apresentado pelo Bloco de Esquerda pretende garantir o acesso a essa técnica a mulheres sós ou numa relação homossexual, independente do diagnóstico de infertilidade. Constitui mais uma etapa da agenda | |

92

fracturante da sociedade e foi saudado por representar uma quebra da «desigualdade arcaica que reduz as mulheres a apêndices dos homens». Encara a procriação como instrumento de realização de um projecto individual e exclui intencionalmente a comunhão relacional entre uma mãe e de um pai, instrumentalizando os filhos como o objecto de um direito.

- **Tens um doador, não um Pai** – Giulia GALEOTTI 53
Partindo da interpretação do enredo de um filme saído dos estúdios de Hollywood, o texto propõe uma reflexão sobre as ambiguidades pessoais e familiares dos filhos nascidos através da fecundação heteróloga pela existência dos bancos de esperma. “*Donor Unknown*” conta uma história antiga e simultaneamente actualíssima: é natural o desejo de cada ser humano conhecer as suas próprias raízes, agora sublinhado pelos dilemas humanos que as novas tecnologias reprodutivas fazem emergir.
- **Barrigas de aluguer** – Pedro VAZ PATTO 59
Foi anunciada a apresentação de um projecto de lei que propõe a “maternidade de substituição”, uma situação em que uma mulher se dispõe a suportar uma gravidez por conta de outrém e a entregar a criança após o parto. Estão demonstrados vários danos graves nas mães e nos filhos nos países onde esta prática tem sido praticada impelida por graves carências económicas. Um filho não pode ser instrumentalizado ao ponto de ser tomado como um objecto de propriedade; é o testemunho vivo da doação recíproca dos seus pais.

VARIA

- **Um livro, uma Vida: Daniel Serrão** – Henrique VILAÇA RAMOS 65
O Prof. Vilaça Ramos comenta o livro publicado recentemente que contém um longo excelente diálogo entre o Prof. Daniel Serrão e o Prof. Henrique Manuel Pereira. No livro Daniel Serrão expõe-se ao leitor sem artifícios nem cedências, numa narrativa apaixonante expressa sob a forma coloquial que documenta a sua busca intransigente da Verdade e da Justiça. A vida, o pensamento e a acção de Daniel Serrão constituem o eixo condutor de um longo colóquio onde estão presentes os grandes temas dos últimos oitenta anos da história e da cultura portuguesas interpretados por um observador atento que é simultaneamente um participante activo, interessado e crítico.

NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS

- **Ligar os pontos: a lição de Steve Jobs** – J. Tolentino de MENDONÇA 77
Steve Jobs morreu recentemente. Deixou-nos um testamento espiritual no qual narra três histórias simples com um significado particular na sua vida. Tendo tido uma infância com privações graves compreendeu o valor da persistência, da aprendizagem pessoal e das coisas simples para atingir os objectivos que definiu.

- **«Todos os Santos» ou Halloween?** 78
O Cardeal Tarcisio Bertone, Secretário de Estado do Vaticano, lamentou que a Europa troque os seus “símbolos mais queridos” pelas “abóboras” do *Halloween*. O Cardeal comentou a decisão do Tribunal Europeu de Direitos do Homem que definiu a presença do crucifixo nas escolas como uma violação da liberdade religiosa dos alunos e como sendo contrária ao direito dos pais em educarem os filhos segundo as suas convicções.
- **Embrião Humano** 81
O Tribunal Europeu de Justiça emitiu uma sentença histórica a favor da dignidade do embrião humano desde a sua concepção. Trata-se de uma decisão emitida a partir de um pedido da organização ecologista *Greenpeace* num caso de patentes biotecnológicas. A sentença declara que não deve ser protegida juridicamente uma invenção biotecnológica que implique a prévia destruição de embriões humanos.
- **Cuidados Paliativos** 83
A Dra. Jacinta Fernandes, uma Especialista em Medicina Geral e Familiar e Mestra em Cuidados Paliativos, desenvolveu, coordenou e aplicou um programa de prestação domiciliária de cuidados paliativos às pessoas com doença grave e incurável no interior do planalto transmontano em condições particularmente difíceis. Para o desenvolvimento do programa contou com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, das autarquias envolvidas, das misericórdias e de voluntários locais adequadamente preparados.
- **Um conselho surpreendente** 84
“Conselho surpreendente” é o que se pode chamar ao texto escrito por Gloria Kalil, que marca a sua presença pela elegância social e pela palavra plena de conteúdo. O “conselho” intitula-se «Ser chique mesmo é crer em Deus».
- ACÇÃO MÉDICA HÁ 50 ANOS** 88
- RESUMOS** 91

ACÇÃO MÉDICA

ANO LXXV, Nº 4, DEZEMBRO 2011

SUMMARIES

75 YEARS – THE ANNIVERSARY YEAR	1
A note about the 75th anniversary commemorative session.	
A LETTER FROM THE PRESIDENT OF THE PORTUGUESE EPISCOPACY A letter to the director of «Acção Médica» with congratulations for the work on formation and good criticism along the years.....	3
«Acção Médica» - 75 years – J. BOLÉO-TOMÉ	5
The Author narrates the beginning of the activity of the journal, made by a small group of physicians, coordinated by Paiva Boléo, that made the catholic publication of texts on the doctrine and critic related to the medicine and society. Their objectives were maintained over the years adapting the the times and circumstances: publication of Portuguese foreign authors with scientific, analytic and critic spirit and Christian values of the major themes discussed on the Portuguese society and whole world.	
“Acção Médica”, Mirror and Standard of the Associação dos Médicos Católicos Portugueses –Walter OSSWALD	21
The pages of “Acção Médica” reflect the advances of biotechnology and medical science of the last decades and the reflexions that the Magisterium proposed, expressed in a compassionate and humane way. The texts are not only the translation of the official doctrine about ethic issues and the issues of contemporaneous societies, but often anticipate or made explicit the doctrine exposed by the Hierarchy. The author underlies the characteristics of the journal during its publication, quoting the articles that document it: independence maintaining the fidelity to the Magisterium; the opportunity, following the signs of times; the service to the Truth, even polarizing the clear hostility of constituted powers.	
Acção Médica, somme reflections on future circumstances – A. LAUREANO SANTOS	27
The media lead us to participate evermore in the common culture making universal the great problems of current societies. The Holy Father magisterium, with a contemporaneous language, has pointed the prevailing attitudes that prevail in current culture that reflect the major cultural, political and economic questions that dominate the european societies. Acção Médica will maintain in its publications the deates of the portuguese society in the questions that relate to health and science, reflecting the opinions of the portuguese catholic physicians and the Catholic Church hierarchy doctrine.	

ACTUAL TOPICS

■ Atheist Civilization? – Aires GAMEIRO (O.H.)	41
The author asks himself if it is possible the existence of an atheist civilization. What we can feel is the social significance of clusters who are fighting against any type of religion, a way to control the world.	
■ Humanism and laicism – ORNAGHI / KRISTEVA	43
This is a very interesting dialogue among the authors, on a meeting about European Culture, at Venezia. The main theme was about the importance of religion on the social life, to build a true civilization. Its lack does to fall down societies on any sort of moral and social disasters.	
■ The gender ideology – Isilda PEGADO	46
Some small groups, small but very influential, sustain that men and women are not psychologically different. The supposed difference is cultural acquisition. The author, a woman lawyer, criticizes this ideology.	
■ Fatherless Sons – Pedro VAZ PATTO	50
The author, a Judge, discusses the problem of the boys and girls that were born after the fertilization by donor sperm.	
■ You have a donor, not a Father – Giulia GALEOTTI.....	53
The former subject is discussed again, pointing out the personal, social and family ambiguities, so well told on the movie «Donor Unknown»	
■ Bellies rental – Pedro VAZ PATTO	59
Another juridical and social advice about the real problems of bellies rental. The psychological problems to the children when they grow up, are well known. Almost the same with donor sperm.	
VARIA	
■ A book, a Life: Daniel Serrão – Henrique VILAÇA RAMOS	65
Prof. Vilaça Ramos comments on the book recently published that contains a long and excellent interview by Prof. Daniel Serrão to Prof. Henrique Manuel Pereira. Daniel Serrão shows himself in the book without artifacts nor concessions, in a passionate narrative in a colloquial way that documents the intransigent search for the Truth and Justice. The life, the thinking and the action of Daniel Serrão constitute the leading axis of a long interview that discusses the great issues of the of the last eighty years of portuguese history and culture, seen by an attentive observer and simultaneously an active participant and interested critic.	

NEWS AND COMMENTS

■ Steve Jobs Lesson – J. Tolentino de MENDONÇA	77
Steve Jobs died recently. He left a spiritual will the narrates three simple stories with a particular significance in his life. After a childhood with serious difficulties, he understood the value of persistence, personal learning and simple things to fulfill his objectives.	
■ Europe changed crosses for pumpkins	78
Cardinal Tarcisio Bertone, the Vatican Secretary of State, expressed his sorrow that Europe replaced the ‘most dearest symbols’ for Halloween ‘pumpkins’. The Cardinal made a comment on the European Court of Human Rights decision that defies the presence of the cross in schools as a violation of the pupils religious freedom and opposite of the parents’ rights to educate their children according to their convictions.	
■ Human Embryo - Historical court decision	81
The European Court of Justice historic passed a verdict on the human embryo dignity since conception. It’s a decision based on the appeal of the ecologist organization Greenpeace in a biotech patent case. The verdict declares that there is no law protection to a biotechnological invention based on the previous destruction of human embryos.	
■ Paliative Care at Home	83
Dr ^a Jacinta Fernandes, specialist in General and Familial Practice, and a Msc in Paliative Care, developed, coordinated and applied a program of home paliative care to patients with serious and incurable diseases in the particular difficult conditions of the northeastern highlands. To develop the program she had the support of the Calouste Gulbenkian Foundation, the local authorities and trained local volunteers.	
■ A surprising advice	84
A “surprising advice” is what we can say about the words said and written by Gloria Kalil, a well know woman by her elegance and her plentiful talks. The actual advice has a heading name: «To be really stylish is to believe in God».	
»ACÇÃO MÉDICA» 50 YEARS AGO	88
SUMMARIES	91

NOVOS ASSOCIADOS

Foram admitidos como novos associados:

- ✓ Dr. António Manuel Bailão Pinto de Sousa | PORTALEGRE
- ✓ Dra. Sofia do Rosário Mónica Costa Charro | LISBOA
- ✓ Dra. Ana Rita da Cruz Almeida | LISBOA
- ✓ Prof. Dr. Diogo de Freitas Branco Pais | LISBOA
- ✓ Dra. Ana Catarina Henriques Pinto | LISBOA
- ✓ Dr. António Manuel Lopes dos Santos | LISBOA
- ✓ Dra. Cláudia Castanheira Carvalho Guerra | LISBOA
- ✓ Dra. Filipa Bianchi de Aguiar | ALGÉS
- ✓ Dr. Hugo Abel Sampaio Monteiro Martins Pissarra | LISBOA
- ✓ Dra. Maria Helena Valentim | ALGÉS
- ✓ Dr. Pedro Miguel Antunes Oliveira | LISBOA
- ✓ Dra. Rita Maria Ayres Magriço Barbosa Remédios | LISBOA
- ✓ Dr. Luís Eugénio Albuquerque Carreiras Mascarenhas de Lemos | LISBOA
- ✓ Dra. Margarida Maria Sancho da Silva Gonçalves Neto | LISBOA
- ✓ Dr. Miguel Gonçalo Heitor Cabanelas | COVILHÃ
- ✓ Dra. Celina Pires Rosa | COVILHÃ

SÓCIOS FALECIDOS

Tomamos conhecimento dos falecimentos dos nossos Associados.

- ✓ Dr. Carlos Joaquim Pinto Grijó | PORTO
- ✓ Dr. Jorge C. Mello Vieira | LISBOA
- ✓ Dra. Carolina Etelvina Veloso | VISEU
- ✓ Dr. António Santos Laranjeira | VISEU

Às famílias enlutadas a Associação dos Médicos Católicos Portugueses manifesta o seu pesar.